

BRENDA DE OLIVEIRA NONATO

A construção da figura de Camilo Castelo Branco na obra *Fanny Owen*, de Agustina Bessa-Luís.

**ASSIS
2022**

BRENDA DE OLIVEIRA NONATO

A construção da figura de Camilo Castelo Branco na obra *Fanny Owen*, de Agustina Bessa-Luís.

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Mestra em Letras (Área de Conhecimento: Literatura e Vida Social)

Orientador(a): Sandra Aparecida Ferreira

Bolsista: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Código de Financiamento 001

ASSIS

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Laura Akie Saito Inafuko - CRB 8/9116

N812c	<p>Nonato, Brenda de Oliveira A construção da figura de Camilo Castelo Branco na obra Fanny Owen, de Agustina Bessa-Luís / Brenda de Oliveira Nonato. Assis, 2022. 85 f.</p> <p>Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis Orientadora: Dra. Sandra Aparecida Ferreira</p> <p>1. Bessa-Luís, Agustina, 1922-2019. 2. Castelo Branco, Camilo, 1825-1890. 3. Ficção. I. Título.</p> <p>CDD 869.09</p>
-------	--



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Assis



CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: A construção da figura de Camilo Castelo Branco na obra Fanny Owen, de Agustina Bessa-Luís

AUTORA: BRENDA DE OLIVEIRA NONATO

ORIENTADORA: SANDRA APARECIDA FERREIRA

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Mestra em LETRAS, área: Literatura e Vida Social pela Comissão Examinadora:

Profa. Dra. SANDRA APARECIDA FERREIRA (Participação Virtual)
Departamento de Estudos Linguísticos, Literários e da Educação / UNESP/FCL-Assis

Profa. Dra. TELMA MACIEL DA SILVA (Participação Virtual)
Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas / UEL/Londrina

Profa. Dra. ROSANE GAZOLLA ALVES FEITOSA (Participação Virtual)
Departamento de Estudos Linguísticos, Literários e da Educação / UNESP/FCL-Assis

Assis, 04 de fevereiro de 2022

À minha mãe Rosângela, minha maior intercessora.
Ao meu companheiro Romeu, que me preenche do melhor e
mais incrível amor do mundo.

AGRADECIMENTOS

Ao meu amor, Romeu Teixeira, por estar sempre ao meu lado nos melhores e piores momentos. Agradeço pela cumplicidade, incentivo e apoio incondicional em todas as áreas da minha vida. Sua paciência, seu amor e sua confiança em mim e em meu trabalho me amparam, dando segurança e ânimo.

À minha família pelo apoio e incentivo nos momentos mais difíceis. Em especial, ao meu irmão Arthur Nonato, pelas palavras de confiança e ânimo, sempre tão oportunas e que tocam profundamente minha mente e o meu coração.

Aos meus amigos, a família que eu escolhi, pelas risadas, conversas e afetos. Minha eterna gratidão por estarem sempre ao meu lado compartilhando das alegrias, conquistas, angústias e lamentações.

À minha orientadora, Sandra Aparecida Ferreira, pelas leituras e correções atentas durante todo o período da pesquisa e por ter colaborado com meu crescimento e amadurecimento. Agradeço, também, os livros emprestados, visto que nesse período extenso de pandemia o acesso à biblioteca foi tão afetado.

À Professora Dr^a Rosane Gazzola pelos riquíssimos apontamentos feitos no exame de qualificação, pelas sugestões de leitura e até mesmo pela prontidão em me oferecer materiais que contribuiriam muito para este trabalho final.

À Professora Dr^a Telma Maciel, por aceitar participar da banca de Defesa, contribuindo e compartilhando todo seu conhecimento em literatura portuguesa.

Ao Professor Dr. Márcio Pereira, pelas relevantes sugestões e sabedoria demonstrada na leitura deste trabalho, por ocasião do Exame de Qualificação.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

NONATO, B. O. **A construção da figura de Camilo Castelo Branco na obra *Fanny Owen*, de Agustina Bessa-Luís.** 2022. 85 p. Dissertação (Mestrado em Letras). – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Assis, 2022.

RESUMO

Esta dissertação propõe uma análise da elaboração da figura de Camilo Castelo Branco composta no livro *Fanny Owen*, de Agustina Bessa-Luís, publicado em 1979. Pretendemos investigar na obra da autora, de que modo a personagem criada a partir de uma história verídica e do jogo intertextual com narrativas de Camilo Castelo Branco, é trabalhada e reinterpretada a fim de se propor uma nova perspectiva dos fatos. Para tanto, busca-se demonstrar como acontece a ficcionalização da História nesta obra agustiniana a partir de recursos da metaficção historiográfica estabelecidos pela ensaísta canadense Linda Hutcheon (1990). A partir de estudos sobre as semelhanças literárias entre Agustina Bessa-Luís e Camilo Castelo Branco é possível observar como a vida e obra do romancista exerceram imenso fascínio sobre a escritora portuguesa. Nesse caso, o propósito desta dissertação é compreender como Agustina Bessa-Luís utiliza-se de mecanismos estéticos em sua narrativa para reescrever acontecimentos históricos a partir de um diálogo constante entre história e ficção. Por fim, a base teórica para a realização desta pesquisa inclui os estudos de Maria de Fátima Marinho (1998) acerca do romance histórico em Portugal e a respeito da intertextualidade, Júlia Kristeva (2005) e Tiphaine Samoyault (2008).

Palavras-chave: Agustina Bessa-Luís. *Fanny Owen*. Camilo Castelo Branco. Ficção.

NONATO, B. O. **A construção da figura de Camilo Castelo Branco na obra *Fanny Owen*, de Agustina Bessa-Luís.** 2022. 85 p. Dissertação (Mestrado em Letras). – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Assis, 2022.

ABSTRACT

This dissertation proposes an analysis of the elaboration of the figure of Camilo Castelo Branco composed in the book *Fanny Owen*, by Agustina Bessa-Luís, published in 1979. We intend to investigate in the author's work, how the character created from a true story and intertextual play with narratives by Camilo Castelo Branco, is worked and reinterpreted in order to propose a new perspective on the facts. Therefore, we seek to demonstrate how the fictionalization of History takes place in this Augustinian work, based on historiographical metafiction resources established by Canadian essayist Linda Hutcheon (1990). Based on studies on the literary similarities between Agustina Bessa-Luís and Camilo Castelo Branco, it is possible to observe how the life and work of the novelist exerted immense fascination on the Portuguese writer. In this case, the purpose of this dissertation is to understand how Agustina Bessa-Luís uses aesthetic mechanisms in her narrative to rewrite historical events from a constant dialogue between history and fiction. Finally, the theoretical basis for this research includes the studies by Maria de Fátima Marinho (1998) about the historical novel in Portugal and about intertextuality, Júlia Kristeva (2005) and Tiphaine Samoyault (2008).

Keywords: Agustina Bessa-Luís. *Fanny Owen*. Camilo Castelo Branco. Fiction.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
1. AGUSTINA BESSA-LUÍS: VIDA E PERCURSO LITERÁRIO	14
1.1 Recepção crítica, prêmios e publicações	14
1.2 A relação literária entre Bessa-Luís e Castelo Branco	22
2. A (RE)ESCRITA DA HISTÓRIA	36
2.1 Aspectos teóricos	36
2.2 Camilo escritor e Camilo personagem	40
2.3 <i>Fanny Owen</i> e a reinterpretação da escrita	45
3. O JOGO INTERTEXTUAL ENTRE AS OBRAS <i>NO BOM JESUS DO MONTE</i> (1864) E <i>FANNY OWEN</i> (1979)	57
3.1 Intertextualidade e conceitos fundamentais	57
3.2 Os elos da intertextualidade: divergências e convergências entre as perspectivas	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	83

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Uma das propostas essenciais do romance histórico vincula-se à ideia de se apresentar como “uma manifestação formal de um desejo de reduzir a distância entre o passado e o presente do leitor e também de um desejo de reescrever o passado dentro de um novo contexto” (HUTCHEON, 1991, p. 157). A relação entre História e ficção na literatura portuguesa contemporânea é centrada na revisitação de diversos autores acerca de acontecimentos notáveis e significativos. Certamente, a habilidade em reescrever a História foi uma das evidentes qualidades distintivas da trajetória literária da escritora portuguesa Agustina Bessa-Luís (1922-2019).

Agustina Bessa-Luís foi a primeira representante feminina a conquistar mais espaço e notoriedade em um ambiente majoritariamente masculino como o da literatura portuguesa. Isabel Pires de Lima, professora catedrática da Universidade do Porto, declara que Bessa-Luís é uma “escritora torrencial, com mais de meia centena de títulos (...) e tem, como motivos angulares da sua obra, o sentido da vida e da morte e os enigmas do ser, o que lhe imprime uma dimensão universalista.” (LIMA, 2011, p. 09). As mulheres escritoras sempre existiram, mas foram esquecidas e muitas vezes até mesmo ignoradas quando se falavam das grandes obras da história da literatura portuguesa. Além disso, foram praticamente “apagadas” para o público leitor até a revolução de 25 de abril de 1974.

Desse modo, infelizmente, apesar de Agustina Bessa-Luís ter sido reconhecida por muitos críticos e estudiosos da área como uma das melhores escritoras do século XX, e até conquistar importantes premiações literárias, a autora ainda é pouco lida ou até mesmo conhecida e estudada por disciplinas de literatura portuguesa, comparada a outros grandes nomes de sua geração, como por exemplo, José Saramago (1922-2010) e a poeta Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004).

O interesse por estudar a obra de Agustina Bessa-Luís surgiu da oportunidade de intercâmbio pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), através do Programa de Licenciaturas Internacionais (PLI), entre os anos de 2012 a 2014, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP). Nesse período, realizei algumas disciplinas dentro do curso de Estudos Portugueses e Lusófonos, e em razão disso, tive a possibilidade de estudar mais profundamente alguns

escritores da literatura portuguesa e de conhecer outros de que nunca ouvira falar, como era o caso da autora Agustina Bessa-Luís. Estar na mesma cidade e ter a oportunidade de estudar na mesma faculdade onde a escritora ganhou o título de Doutora Honoris Causa, em 2005, inspirou-me a lembrar essa artista que é pouco estudada pelos pesquisadores no Brasil atualmente, apesar de sua grandeza como escritora.

Outro fator relevante é o fato de haver uma gama maior de estudos apenas sobre *A Sibila*, obra de maior relevância dentro do acervo de Agustina Bessa-Luís, e os títulos mais conhecidos por terem sido adaptados para o cinema pelo cineasta português, Manoel de Oliveira. Desse modo, *Fanny Owen* apesar de ter sido bastante investigado pelo viés cinematográfico, torna-se, lamentavelmente, um livro ainda pouco pesquisado dentro do âmbito acadêmico brasileiro.

Nesse sentido, o presente trabalho orienta-se pela atenção à escrita de Agustina Bessa-Luís, em que declara a forte impressão nela produzida pelas obras de Camilo Castelo Branco. A autora, que dedicou toda a sua vida para a literatura, foi uma leitora atenta do escritor e trouxe essa influência em manifestações explícitas, como é o caso da obra *Fanny Owen* (1979), em que Agustina Bessa-Luís converte a figura de Camilo Castelo Branco em uma personagem de sua ficção literária. Para isso, a autora recorre à colagem de textos autênticos, como os diários pessoais dos indivíduos fundamentais dos acontecimentos reais, e principalmente, das novelas camilianas em que o escritor aborda a história em questão.

A obra *Fanny Owen*, desde a primeira vez que li, chamou muito a minha atenção, por tratar de uma polêmica, bastante conhecida na biografia de Camilo Castelo Branco e por estudiosos do escritor, apoiada em uma configuração fictícia. Esse não é um caso incomum de Agustina Bessa-Luís, já que ela dedicou-se a escrever variados romances históricos baseados em fatos e/ou personalidades importantes para a história portuguesa, como por exemplo, Florbela Espanca, D. Pedro e Inês de Castro, entre outros, como falaremos mais adiante.

Assim, a proposta essencial desta pesquisa é analisar como foi construída a figura de Camilo Castelo Branco na obra *Fanny Owen*, publicada em 1979. Para tal, a análise incide principalmente, sobre o jogo intertextual que a narrativa agustiniana estabelece, sobretudo, com a obra *No Bom Jesus do Monte* (1864), de Camilo Castelo Branco. Ambas as publicações tratam do caso histórico de um possível triângulo amoroso vivido entre o romancista português, o fidalgo José Augusto Pinto

de Magalhães, seu amigo na época, e a jovem Fanny Owen, filha do coronel inglês, Hugo Owen, que desempenhou, na cidade do Porto, funções importantes em batalhas da Guerra Civil Portuguesa (1828 - 1834). Com isso, nessa função, trouxe sua família para viver com ele no norte de Portugal, mais especificamente, em Vilar do Paraíso.

O termo “figura”, presente no título deste trabalho, advém da designação feita por Agustina Bessa-Luís em sua obra *Camilo: Gênio e Figura* (1994), na qual dedica-se a contornar diversos aspectos da vida e obra de Camilo Castelo Branco. O vocábulo referido, que invoca tanto à questão da personagem quanto da representação simbólica de algo ou alguém, traz sinteticamente à luz o eixo central desta pesquisa. É possível identificar, por meio desse conceito, características da metaficção historiográfica, pelo fato de atuar de maneira híbrida, em razão da ligação entre eventos históricos e ficcionais, permitindo também atestar como Agustina Bessa-Luís desenvolve em sua escrita diversos enfoques e propósitos na representação dos aspectos relacionados à vida e à obra de Camilo Castelo Branco.

De forma a atingir o objetivo e melhor estruturar as etapas do trabalho, a dissertação foi organizada em três capítulos. De início, no primeiro, destacamos a biografia e a importante trajetória literária que Agustina Bessa-Luís desenvolveu em mais de meio século de carreira como escritora. Com uma vida dedicada exclusivamente as letras, a autora deixou de herança para a literatura portuguesa, uma extensa lista de exemplares publicados. O capítulo aborda também, a relação literária entre Agustina Bessa-Luís e Camilo Castelo Branco, indicando as principais referências em que a autora portuguesa se inspirou e utilizou nas composições de suas obras, exemplificadas em duas obras que ela dedicou ao romancista: *Camilo: Gênio e Figura* (1994) e *Fanny Owen* (1979), objeto principal deste trabalho. Para esse momento de análise, exploramos os estudos e considerações relevantes que as professoras Maria Alzira Seixo (1981) e Isabel Allegro de Magalhães (1995) tecem sobre Agustina Bessa-Luís.

Após a digressão histórica necessária para um maior entendimento da importância da escrita de Agustina Bessa-Luís, o segundo capítulo dedica-se sobre os mecanismos estéticos utilizados pela escritora portuguesa e a comparação da figura de Camilo Castelo Branco tanto quanto escritor, como personagem, desenvolvido por diversos escritores da literatura portuguesa. Inclusive, o próprio romancista compõe um narrador-personagem para elucidar em primeira pessoa

detalhes sobre si mesmo e sobre sua efetiva participação nos acontecimentos descritos, visto que suas narrativas sobre o caso são escritas no formato de relato pessoal. Nesse sentido, a recriação moderna de algo clássico a partir de diferentes ângulos e pontos de vista são averiguados e explorados os aspectos singulares da personalidade imensamente complexa que Camilo Castelo Branco possuía. Nesse momento, serão utilizados como base os pressupostos teóricos de Linda Hutcheon (1991) acerca da metaficção historiográfica e Maria de Fátima Marinho (1998) sobre o romance histórico em Portugal.

Por fim, no último capítulo, consideramos algumas das principais semelhanças e diferenças entre as narrativas com o propósito de explorar a capacidade estética e reflexiva da construção da personagem de Camilo na obra de Agustina Bessa-Luís. Para isso, dedicamos mais especificamente a análise do texto literário da obra *Fanny Owen* e o jogo intertextual realizado entre a escrita agustiniana e as obras de Camilo Castelo Branco, em especial, *No Bom Jesus do Monte*, de 1864. Utilizamos os conceitos teóricos difundidos a respeito da intertextualidade das críticas literárias, Júlia Kristeva (2005) e Tiphaine Samoyault (2008). Além disso, recorreremos a Carlos Reis (1988), necessário para a compreensão sobre o ato de narrar e as teorias acerca do ponto de vista dentro da narrativa.

1. AGUSTINA BESSA-LUÍS: VIDA E PERCURSO LITERÁRIO

Toda a qualidade criativa duma pessoa depende da sua energia em abandonar a cumplicidade com os outros demais, o que equivale a sacrificar uma parte do seu próprio ser e que corresponde à paz com o mundo.

Agustina Bessa-Luís

1.1 Recepção Crítica, prêmios e publicações

Agustina Bessa-Luís (1922-2019) foi uma das mais consagradas escritoras contemporâneas em Portugal. Suas obras foram traduzidas para diversos idiomas, como o Alemão, Castelhana, Dinamarquês, Francês, Grego, Italiano e Romeno. A autora portuguesa acumulou ao longo de sua vida mais de cinquenta títulos, entre romances, biografias romanceadas, peças de teatro, contos, ensaios, novelas, livros infanto-juvenis, além de obras relacionadas a memórias, sempre ficcionalizando e dialogando com a História, com a sociedade a sua volta e também com outros artistas e escritores.

Apesar da sua importância dentro do contexto literário mundial ser enaltecido por diversos críticos e escritores, como por exemplo, João Pereira Coutinho, escritor português e colunista do jornal Folha de São Paulo, (2013, p.8), que afirmou em seu artigo sobre a autora: “Existem vários mistérios no mundo editorial brasileiro. Mas o maior de todos é Agustina Bessa-Luís não figurar entre os grandes. E por ‘grandes’ leia-se Machado de Assis ou Guimarães Rosa. Leia-se Fernando Pessoa ou José Saramago”¹, a autora portuguesa não é muito conhecida, nos dias de hoje, por muitas pessoas aqui no Brasil. Essa afirmação fica comprovada quando, ao buscar as obras da escritora, são poucas aquelas que podemos encontrar em livrarias, sebos ou em comércios eletrônicos brasileiros, principalmente se comparadas às publicações de outros escritores da literatura portuguesa modernista e contemporânea.

¹ No mesmo artigo, intitulado *Agustina é o nome*, João Pereira Coutinho desabafa: “São incontáveis as conversas com amigos brasileiros que ficam com o rosto impassível sempre que elogio Agustina. Sim, eles ouviram falar. Mas como é possível só ter ouvido falar do maior gênio vivo da literatura portuguesa?” .

Os principais críticos literários que falam sobre Agustina Bessa-Luís e sua ficção foram Álvaro Manuel Machado (1979), Eduardo Lourenço (1993), Isabel Allegro de Magalhães (1995), Maria Alzira Seixo (1981), Maria de Fátima Marinho (1998), Saraiva e Lopes (2002) e Silvina Rodrigues Lopes (1992). No Brasil, pesquisas na plataforma Lattes e repositórios apresentam que os estudos sobre Agustina no contexto acadêmico foram iniciados pelo excelente trabalho de pesquisa e investigação da professora da UFRJ, Simone Monteiro de Oliveira, dedicada a estudos relacionados a Agustina Bessa-Luís. A pesquisadora responde pela primeira dissertação de mestrado sobre a autora portuguesa, intitulada “A Sibila: uma narrativa em ritmo de rocking-chair”, defendida em 1972, e pela primeira tese de doutorado, intitulada “O estatuto do narrador na ficção de Agustina Bessa-Luís”, em 1978. Além de Oliveira, outros professores tornaram-se precursores em pesquisas relacionadas à escrita agustiniana, sendo eles: Anamaria Filizola, Marcia Zamboni Gobbi, Jorge Vicente Valentim, entre outros.

É certo que anos atrás, a escrita de Agustina Bessa-Luís já foi muito lida e estudada mas atualmente, ainda é pouco divulgada e conhecida no Brasil entre o público de uma forma geral, principalmente pelo fato de apenas três de suas inúmeras publicações terem sido aqui editadas, sendo elas, respectivamente, três romances e uma biografia: *A Sibila* (Nova Fronteira, 1982 e Folha de S. Paulo, 2017); *Vale Abraão* (Planeta, 2004) e *Sebastião José* (Nova Fronteira, 1989). Conseqüentemente a isso, em muitos contextos, inclusive acadêmicos, raros parecem ser ainda os leitores da escritora Agustina Bessa-Luís. Após a notícia do falecimento da escritora no ano de 2019, António Lobo Antunes, um dos mestres da literatura em Portugal, afirmou:

Estou muito triste. Morreu uma pessoa de quem gostava muito, de quem era muito amigo e que era muito minha amiga e que considero uma mulher extraordinária e uma escritora de exceção. Durante muito tempo foi ignorada, inclusive maltratada, porque a obra dela e a personalidade dela se manifestaram num tempo de opiniões muito extremadas. Nem a crítica nem os outros escritores compreenderam a sua grandeza. Chegou a altura de se perceber que ela era a melhor de todos eles. (LOBO ANTUNES, 2019)²

² Disponível em <https://leitor.expresso.pt/diario/segunda-34/html/caderno1/temas-principais/sabes-filho-estive-a-pensar-devia-ter-casado-com-o-camilo-ou-contigo.-agustina-por-antonio-lobo-antunes>. Acesso em 02/02/2020.

Agustina Bessa-Luís é o nome literário de Maria Agustina Ferreira Teixeira Bessa-Luís, autora portuguesa contemporânea que nasceu em 15 de outubro de 1922, em Vila Meã, concelho de Amarante. Provinda de uma família rural da região do Douro-Minho por parte do pai, Artur Teixeira Bessa (1882-1964), e de uma família espanhola de Zamora, por parte da mãe, Laura Jurado Ferreira (1897-1994), Agustina sempre teve afeição pela região norte de Portugal, inserindo em muitas de suas obras, cenários aos quais era completamente familiarizada.

Álvaro Manual Machado em seu livro intitulado *A vida e a obra de Agustina Bessa-Luís*, ensaia diversas informações sobre a vida e a obra da autora desde sua infância até 1979, ano em que ele publicou a obra. Dessa forma, Agustina, eternamente amante das letras, aos quatro anos de idade já mostrava-se imensamente interessada por elas. Suas primeiras leituras são feitas por meio de uma pequena biblioteca de seu avô materno, composta por diversos escritores, principalmente franceses, ingleses e espanhóis. Mais tarde, aos dez anos de idade, apaixonou-se pela leitura da Bíblia, particularmente a do Velho Testamento. Como pode-se perceber, muitas de suas influências, mais tarde, seriam oriundas desses primeiros contatos da sua infância. A própria Agustina comenta e relaciona essa fase de sua vida com a sua jornada como escritora:

Deve-se escrever sobre aquilo que se conhece. Essa auxiliar que é a memória da infância, e que funciona com todos os escritores, não pode nunca ser desprezada. Ela aparece de uma maneira ou doutra (...), mas está sempre ligada àquela primeira visão, ao abrir dos olhos para o mundo (BESSA-LUÍS, 2013, p. 62)

No ano de 1932, vai estudar na cidade do Porto, onde anos mais tarde, viveu quase toda a sua vida. Em 1945, casa-se com Alberto de Oliveira Luís, estudante de Direito da Universidade de Coimbra, que conheceu por meio de um anúncio de jornal publicado pela própria escritora, no qual procurava “uma pessoa culta” com quem pudesse corresponder. Viveram em Coimbra durante três anos, sendo a cidade cenário para o seu segundo livro publicado, o romance *Os Super-Homens* (1950). Sua primeira obra, *Mundo Fechado*, fora publicada em 1948. Em 1950, volta ao Porto, onde fixou a sua residência, escrevendo a sua obra mais reconhecida, *A Sibila* (1954), com a qual obteve prêmios literários importantes, como o prêmio Eça de Queiroz. Sua criatividade e dinamicidade literária pôde ser percebida desde

sempre, já que dos quinze para os dezesseis anos, Agustina escreve seu primeiro romance, não publicado. Sobre esse episódio, Álvaro Manuel Machado traz uma entrevista do “Jornal de Notícias” de 4/11/1955, em que a autora afirma:

Num inverno monótono numa província magnífica demais para ser justamente interpretada aos dezesseis anos, ou se namora um primo, ou se come demasiado, ou se escreve um romance. Foi uma longa história esse primeiro idílio com as letras. Chovia muito; num pátio a água das caleiras batia nas folhas das hidrângeas, que brilhavam como faróis do outro lado da janela. O outro lado da janela e a chuva são para todo o espírito criador uma oportunidade – eu aproveitei-a rigorosamente, escrevi um romance. (MACHADO, 1979, p. 15)

No início de sua trajetória como escritora, principalmente quando escreveu *A Sibila*, Álvaro Manuel Machado (1979) aponta em seus estudos que, Agustina apresenta fortes influências simbolistas de escritores como Raul Brandão, na composição de uma linguagem narrativa que enfatiza a perspicácia e intuição, além dos símbolos e de uma determinada sabedoria remetida às ancestralidades. A partir daí, com uma escrita com marcas de aforismos e sentenças com grandes valores de sentido e reflexão, a escritora portuguesa desenvolveu um estilo completamente enigmático, singular e antagônico.

No ano de 2004, recebeu o Prêmio Camões - a mais importante condecoração literária da língua portuguesa. Além disso, a escritora Agustina Bessa-Luís foi a vencedora da 11.ª edição do prêmio Eduardo Lourenço, em 2015. Sobre esse acontecimento, o próprio ensaísta e crítico literário declarou sobre a autora: "Ela é muito mais importante do que eu serei alguma vez. Eu, ou toda a gente que há neste país. Ela é a grande senhora das letras portuguesas. Podem vir outras, o mundo não acabou, mas ela já está inscrita, no céu das estrelas mais altas."³ É certo que a literatura e a arte de escrever eram para a escritora portuguesa, sua verdadeira paixão e razão de viver:

Mas sobre esse sistema que serve o amor e o ódio, que destina a vida e a morte, acima das letras e dos números, há uma substância eterna que não é 79 sangue nem tinta de escrever. No mais elevado sentido, isso é a literatura – o livro, que traduz, de maneira sempre precária, a forma do Universo. A literatura é uma fisionomia interior.

³ Disponível em https://www.rtp.pt/noticias/cultura/eduardo-lourenco-considera-agustina-bessa-luis-uma-escritora-incomparavel_n841777. Acesso em 01/05/2021.

Vemos como as mulheres são dispostas a conservar um rosto, e não a criar um rosto. A literatura tem que criar o rosto; manifestar nele a marca que está no fundo de todos os seres e que é a inteligência. Por isso digo que a literatura é uma ciência, uma ciência encefálica em que a arte da palavra origina a tão bela cultura externa que os Gregos admiravam. Quanto mais a alma humana estiver distribuída por harmoniosos laços de pensamento, vontade e paixões, mais a literatura será obra digna dos homens e das mulheres que a fizeram. (BESSA-LUÍS, 2008, p. 169-170)

Torna-se impressionante vislumbrar o quanto Agustina dedicou grande parte de sua vida para a escrita, à vista que por um período de mais de meio século, ela consegue publicar pelo menos uma obra por ano desde 1954, em uma execução sucessivamente ágil e ativa, sem perder jamais a maestria ao produzir os mais variados tipos de gêneros literários. Desse modo, sua dedicação à criação literária pode ser percebida por meio da sua capacidade intelectual múltipla e seu intenso ritmo de produção ao longo de sua carreira como escritora.

Na tese *O cisco e a Ostra – Agustina Biógrafa*, umas das mais importantes pesquisas sobre Agustina Bessa-Luís no Brasil, Anamaria Filizola elabora uma lista sobre as obras da escritora portuguesa, destacando o lugar de publicação juntamente com as respectivas editoras até o ano de 1999. Assim, objetivando a atualização da lista de publicações da autora com seus diversos tipos de produção literária, têm-se a seguir os seguintes destaques:

- 1948 - *Mundo Fechado* - novela;
- 1950 - *Os Super-Homens* - romance;
- 1953 - *Contos Impopulares* - romance;
- 1954 - *A Sibila* - romance;
- 1956 - *Os Incuráveis* - romance;
- 1957 - *A Muralha* - romance;
- 1958 - *O Susto* - romance;
- 1958 - *Inseparável ou o Amigo por Testamento* - teatro;
- 1960 - *Ternos Guerreiros* - romance;
- 1961 - *O Manto* - romance;
- 1962 - *O Sermão do Fogo* - romance;
- 1964 - *As Relações Humanas: I - Os Quatro Rios* - romance;
- 1965 - *As Relações Humanas: II - A Dança das Espadas* - romance;

- 1966 - *As Relações Humanas: III - Canção Diante de uma Porta Fechada* - romance;
- 1967 - *A Bíblia dos Pobres: I - Homens e Mulheres* - romance;
- 1970 - *A Bíblia dos Pobres: II - As Categorias* - romance;
- 1971 - *A Brusca* - contos;
- 1975 - *As Pessoas Felizes* - romance;
- 1976 - *Crónica do Cruzado OSB* - romance;
- 1977 - *As Fúrias* - romance;
- 1979 - *Fanny Owen* - romance histórico;
- 1979 - *A Vida e a Obra de Florbela Espanca* - biografia;
- 1980 - *O Mosteiro* - romance;
- 1982 - *Longos Dias Têm Cem Anos* - biografia;
- 1983 - *Os Meninos de Ouro* - romance;
- 1983 - *Adivinhas de Pedro e Inês* - romance histórico;
- 1984 - *Um Bicho da Terra* - romance histórico;
- 1985 - *A Monja de Lisboa* - romance histórico;
- 1986 - *A Bela Portuguesa* - teatro;
- 1987 - *A Corte do Norte* - romance histórico;
- 1987 - *Dentes de Rato* - literatura infantil;
- 1988 - *Prazer e Glória* - romance;
- 1988 - *A Torre* - conto;
- 1989 - *Eugénia e Silvina* - romance;
- 1990 - *Vento, Areia e Amoras Bravas* - literatura infantil;
- 1991 - *Vale Abraão* - romance;
- 1991 - *Breviário do Brasil* - diário de viagem;
- 1992 - *Ordens Menores* - romance;
- 1994 - *As Terras do Risco* - romance;
- 1994 - *O Concerto dos Flamengos* - romance;
- 1994 - *Camilo: Génio e Figura* - ensaios;
- 1995 - *Aquário e Sagitário* - narrativa;
- 1996 - *Memórias Laurentinas* - romance;
- 1997 - *Um Cão que Sonha* - romance;
- 1998 - *O Comum dos Mortais* - romance;
- 1998 - *Garret: O Eremita do Chiado* - teatro;

- 1999 - *A Quinta Essência* - romance;
- 1999 - *Dominga* - conto;
- 2000 - *Contemplanção Carinhosa da Angústia* - antologia;
- 2001 - *O Princípio da Incerteza: I — Jóia de Família* - romance;
- 2002 - *O Princípio da Incerteza: II — A Alma dos Ricos* - romance;
- 2003 - *O Princípio da Incerteza: III — Os Espaços em Branco* - romance;
- 2004 - *Antes do Degelo* - romance;
- 2005 - *Doidos e Amantes* - romance;
- 2006 - *A Ronda da Noite* - romance.

Além disso, algumas de suas publicações, entre romances, peças de teatro e conto, forma adaptadas para a cinematografia portuguesa, o que gerou ainda mais prêmios e méritos para a sua carreira:

- 1981 - *Francisca*, Manoel de Oliveira. (Romance *Fanny Owen*);
- 1993 - *Vale Abraão*, Manoel de Oliveira. (Romance *Vale Abraão*);
- 1995 - *O Convento*, Manoel de Oliveira. (Romance *As Terras do Risco*);
- 1996 - *Party*, Manoel de Oliveira. (Peça *Party: Garden-Party dos Açores*);
- 1998 - *Inquietude*, Manoel de Oliveira. (Conto *A Mãe de um Rio*);
- 2002 - *O Princípio da Incerteza*, Manoel de Oliveira. (Romance homónimo);
- 2005 - *Espelho Mágico*, Manoel de Oliveira. (Romance *A Alma dos Ricos*),
- 2009 - *A Corte do Norte*, João Botelho (Romance homónimo).

Apesar de sua genialidade para a escrita e de ter tido certo reconhecimento pelas suas obras, Agustina demonstra sua insatisfação pela falta de reconhecimento que ela obteve comparada a outros autores que fizeram muito menos que ela e ganharam muito mais prestígios e notoriedades. Em *Ensaios e Artigos* (1951-2007), exposição desenvolvida a partir de centena de textos dispersos da escritora e apresentada pela Fundação Calouste Gulbenkian em outubro de 2017 na cidade do Porto, numa sessão na Fundação Serralves, Agustina em um certo momento desabafa:

Decorre a apresentação do livro de Cavaco Silva no salão nobre, e os carros pretos dos ministérios sobem a rampa com uma lentidão consular. (...) Freitas do Amaral acaba também de escrever um livro e é saudado triunfalmente. Eu escrevi cinquenta e não me prestam tanta atenção. Pelo que fico, por um momento, desencorajada. (BESSA-LUÍS, 1994, n.p)⁴

Devido a uma grave doença, a partir de 2006, a escritora portuguesa não foi mais vista em público, e suspendeu suas atividades como escritora. Sua última publicação em vida foi a obra *Deuses de Barro* (2018), um romance escrito pela autora em 1942, quando tinha apenas 19 anos. A obra foi resgatada por sua filha, Mónica Baldaque, que, na ocasião, ficou entristecida pelo silenciamento de muitos críticos, que ignoraram a publicação desse inédito. Apesar de toda essa situação, Rui Ramos, historiador e profundo admirador de Agustina Bessa-Luís, considera que:

Deuses de Barro é uma excelente leitura. Se tivesse sido publicado em 1943, teria sido o melhor romance publicado em Portugal em 1943. A Agustina aos 19 anos já estava muito acima dos seus contemporâneos. Mas este romance tem outra vertente interessante: é ainda mais ousado do que os romances que vieram imediatamente a seguir, *Mundo Fechado* e *Super-homens*, em que se nota que Agustina se contém mais dentro das convenções romanescas da época. Em *Deuses de Barro*, é mais claro que o aspeto superficialmente 'realista' destes primeiros romances de Agustina é apenas uma ilusão, e que o que lhe importava já era uma dimensão mítica, que certamente justificará interpretações muito variadas.⁵ (BALDAQUE, 2018)

A escrita singular de Agustina Bessa-Luís, desde seus primeiros romances publicados, sempre gerou um certo incômodo nos leitores que desejavam absorver leituras consideradas "fáceis". Consequentemente, a escritora afasta também quem em um primeiro momento não se encontra acostumado com uma escrita mais complexa e cheia de particularidades. Sua genialidade consiste em narrar histórias de um jeito completamente singular, derivado da estética inovadora com que aborda assuntos profundos de forma subjetiva, e elevando constantemente o seu discurso ficcional. Com isso, muitas coisas podem passar despercebidas a leituras ingênuas.

⁴ Disponível em: <https://www.publico.pt/2017/02/06/culturaipilon/noticia/as-tres-mil-paginas-que-agustina-escreveu-para-os-jornais-1760813>. Acesso em 20/02/2021.

⁵ Disponível em <https://observador.pt/2018/01/21/deuses-de-barro-o-inedito-que-agustina-escreveu-aos-19-anos/>. Acesso em 12/02/2020.

Além disso, uma das coisas que mais chama atenção na trajetória literária de Agustina Bessa-Luís, em Portugal, é a sua personalidade destemida e crítica como escritora, nitidamente refletida nos temas abordados em suas obras. Silvína Rodrigues Lopes (2002), em seu ensaio *A realidade admirável do comum*, alega:

As grandes obras como a de Agustina Bessa-Luís, não precisam de intermediários. Nenhuma explicação poderia dar conta do que, não sendo óbvio, possui um modo único de se dirigir ao pensamento e ao coração dos leitores, e por conseguinte uma capacidade de desencadear de cada vez novas interpretações [...] Um dos traços dominantes do estilo de Agustina é um modo de realismo que vai buscar a matéria romanesca e a matéria do pensamento, que aliás sempre se entrelaçam, ao quotidiano, nem heroico, nem dramático, no qual se joga o destino de uma época, a sua irredutibilidade às instituições que a definem (LOPES, 2002, p. 167- 171).

1.2 A relação literária entre Agustina Bessa-Luís e Camilo Castelo Branco

Agustina Bessa-Luís teve como uma de suas principais inspirações, o escritor Camilo Castelo Branco (1825-1890) e suas obras. Seu interesse pelo autor manifesta-se em suas atuações desde as temáticas que abordam sua biografia e a sociedade da região nortenha de Portugal, entre o Minho e o Douro, até as técnicas narrativas utilizadas pelo romancista. Essas relações entre Bessa-Luís e o escritor português podem ser observadas em várias de suas obras e, em muitos momentos, a própria autora já admitiu a admiração e fascínio que a vida e as obras de Camilo Castelo Branco exerciam sobre si e sobre a sua escrita. Luís Abel Ferreira no prefácio da coletânea *Dicionário imperfeito*, declararam sobre a autora: "(...) aos leitores habituais de Agustina não oferecerá surpresa, antes o prazer do reencontro com alguns dos temas, motivos e ambientes que os cativaram, com estilo inconfundível, a musicalidade que evoca Camilo (...)" (FERREIRA, 2008, p. 8).

Dessa forma, a própria escritora portuguesa afirma: "Quando o coração me falha neste dialecto de escrever livros, volto-me para Camilo, que é sempre rei mesmo em terra de ciclopes" (BESSA-LUÍS, 2008, p. 11) É importante ter em mente que um escritor é, antes de tudo, um leitor. Logo, torna-se desafiador, embora não imprescindível, perceber as influências que cada autor traz para a sua escrita a partir do contato com outras escrituras. Ao se analisar as obras dos dois autores

portugueses, podem-se encontrar variadas marcas e características que Agustina recebe de seu antecessor, como por exemplo, um tom repleto de ironia e denúncia social dirigidas a questões e situações do passado. Nessa revisitação do passado, há não só a busca por rememorar fatos verídicos mas também, o propósito de apresentar o contexto do povo português de determinada época. Com isso, pode-se perceber que uma das características em comum entre ambos é a forma como eles se posicionam conscientes diante de certas questões sociais de seus tempos.

Camilo Castelo Branco e Agustina Bessa-Luís, ao utilizarem traços biográficos na ficção, criam textos paradoxais e irônicos, com um misto de verdades e devaneios, que muito seduz seus leitores. Nessa perspectiva, Fátima Marinho declara: “Agustina reinterpreta a História à sua maneira, lê nas entrelinhas, favorece a dupla versão do mesmo facto, chegando a ponto de, propositadamente, sugerir outra perspectiva, que parece ter tanta plausibilidade como a tradicionalmente consagrada.” (MARINHO, 1999, p. 3).

Além disso, com uma narrativa enigmática e múltipla, Agustina buscou e encontrou estímulos nos romances singulares de Camilo Castelo Branco e em suas influências nortenhas e transmontanas. O fato de Camilo e Agustina terem habitado os mesmo lugares, com destaque para a cidade do Porto, aproximou as perspectivas e temáticas de ambos. Para Paulo Motta Oliveira, em *Literatura Portuguesa Aquém Mar*, “existe, na ficção camiliana, uma interpretação de Portugal, que, também nela, e talvez de forma ainda mais viva e clara que em outros escritores, o país está presente. Mas esse *reflexo do real* não espera poder *modificar o real*.” (OLIVEIRA, 2005, p.6).

A obra de Agustina Bessa-Luís, para além da transformação que faz do real e da recriação dum contexto que transcende as fronteiras da historicidade, oferece uma visão da História elaborada do ponto de vista da arte, não se subordinando ao visível, ao evidente, mas, antes, transgredindo-os. [...] Há portanto, no texto agustiniano, não um compromisso com o real observado, mas uma abertura, possibilitada pelo fingimento literário, a um espaço de alteridade imaginária, porque pensado. (PADRÃO, 2009, p. 661)

Figura marcante da literatura portuguesa do século XIX, Camilo Castelo Branco teve enorme relevância no cenário cultural português e por consequência, muitas de suas obras forneceram temas para grandes nomes, não só da literatura

mas também de outras artes, como a pintura e o cinema. Paula Rego e Júlio Pomar⁶ reconhecem, em muitos de seus desenhos e exposições, a influência de algumas das obras de Camilo. Na cinematografia, diversos livros foram adaptados, como *A Brasileira de Prazins*, *O Retrato de Ricardina*, *Mistérios de Lisboa* e *Amor de Perdição*, sendo essa última, a obra mais revisitada. Além disso, suas obras também já receberam adaptações para telenovelas, em Portugal e no Brasil. É o caso da telenovela *Paixões Proibidas*, transmitida em 2007, com a parceria do canal RTP (uma das maiores redes de televisão em Portugal), e do canal brasileiro Rede Bandeirantes, baseada em seis obras literárias de Camilo Castelo Branco: *O Livro Negro de Padre Dinis Vol. I e II*, *Mistérios de Lisboa Vol. I, II e III*, e *Amor de Perdição*.⁷

Muitos autores contemporâneos demonstraram interesse pelas obras de Camilo. Aquilino Ribeiro, Teixeira de Pascoaes e Agustina Bessa-Luís são alguns desses nomes. Nesse contexto, Isabel Alegro de Magalhães afirma que:

Qualquer crítico da obra camiliana desde sempre reconheceu que Camilo é autor de tão prepotentes personagens históricas e reais que será praticamente impossível ler a sua obra sem reconhecer antes, e paralelamente, a sua vida. E isto não só porque Camilo usa a autobiografia como matéria constante da sua ficção, mas porque as contínuas intrusões da sua pessoa dentro da narrativa habituaram o leitor a considerá-lo personagem das suas próprias obras. É uma personagem de contornos na base de acontecimentos verídicos. (MAGALHÃES, 1995, p. 253)

Ao longo da trajetória de Camilo Castelo Branco, pode-se perceber que o escritor viveu momentos polêmicos, sempre dividindo opiniões e sendo um escritor muito contestado e elogiado ao mesmo tempo. Agustina Bessa-Luís em muitos momentos consegue ser uma crítica e uma profunda admiradora das atitudes do autor. Frequentemente deixa claro que seu interesse e fascínio devem-se a sua personalidade complexa e controversa: “Eu gosto deste Camilo fulo, impacientado com romances e gente que os povoa. Indomável é ele. Por isso o seu estilo seduz tanto; nunca está obrigado à pequena simpatia e aos arranjos da inteligência.” (BESSA-LUÍS, 2008, p. 19). A forma de viver sem se importar com a opinião alheia, ainda mais no contexto romântico em que Camilo está inserido, em que tudo é tão

⁶ É de sua autoria, um dos retratos mais famosos de Camilo Castelo Branco.

⁷ AROUCA, Marcele e GOMES, Márcia. *Os personagens centrais da Telenovela Paixões Proibidas*. IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, 2008, Dourados.

ligado a honras e aparências, é o que mais magnetiza Agustina. Por isso, a autora portuguesa ainda afirma:

Quem quiser ler Camilo em esplendor e glória, leia a *Maria da Fonte*, um dos maiores livros de língua e fígados e coração portugueses. Camilo é isso: génio truculento, estilo maduro de risadas entre aventuras truanescas e sentimento sufocado de algumas lágrimas. Homem da nossa lei, nem bom nem fingido; capaz de matar com os olhos fechados e de renegar até a honra, se ela é negócio de ferir os outros. Português, não há outro tão grande nas letras. (BESSA-LUÍS, 2008, p. 26)

A personalidade de Camilo, por vezes maliciosa e irônica, mas ao mesmo tempo verdadeira e espontânea, fez com que o escritor despertasse, em sua época, sentimentos controversos de admiração e rejeição de muitas pessoas. Conseqüentemente, sua trajetória pessoal foi refletida e associada, muitas vezes, com a sua trajetória como escritor. Devido a esse fato, Agustina Bessa-Luís, com sua genialidade para a composição de romances históricos e biografias, logo se vê fascinada por vida e obra de Camilo. Bessa-Luís produz, assim, duas obras dedicadas a Camilo Castelo Branco: *Fanny Owen* (1979) e *Camilo: Génio e Figura* (1994). Para melhor compreensão da intensa biografia de Camilo Castelo Branco, Jacinto do Prado Coelho explica:

são [as] circunstâncias biográficas – a bastardia, a orfandade, as tradições romanescas da família, a educação religiosa, o convívio com a paisagem física e humana das províncias do Norte, o conhecimento íntimo do meio portuense, as aventuras sentimentais, os lances da vida boêmia e turbulenta, a pobreza, os desgostos, a doença, o isolamento de S. Miguel de Ceide, o profissionalismo na carreira das letras – o quadro fundamental de referências para a leitura de Camilo (COELHO, 2001, p.67)

Na obra *Camilo: Génio e Figura*, Agustina Bessa-Luís reúne ensaios que escreveu por períodos variados, em que examina e explora Camilo Castelo Branco enquanto autor e personagem. O livro em homenagem ao escritor é dividido em duas partes. Na primeira, a escritora apresenta os textos mais representativos sobre o romancista e sua obra. Na segunda parte, há duas peças inéditas de Camilo Castelo Branco. Em todo momento, fica evidente a relação de admiração e deslumbramento que Agustina tem tanto pela representação pessoal do romancista quanto por sua figura enquanto escritor do cânone português. Um dos fatos da vida

do escritor abordado por Agustina é a famosa e acidentada história de adultério entre Camilo e Ana Plácido. Tal enredo é explicado de forma resumida, em *História da Literatura Portuguesa*:

Ana Plácido abandona o marido, vai viver com Camilo para Lisboa; o escândalo, as dificuldades monetárias, e, depois, a perseguição judiciária forçam os dois apaixonados a fugir de terra em terra, a tomar as mais desencontradas decisões, até que, primeiro ela, e depois, ele, dão entrada na cadeia da Relação do Porto. A prisão e o julgamento, de que resulta uma memorável absolvição (1861), encerram a fase de amadurecimento pessoal e literário, e a publicação de *O amor de Perdição* em 1862, como fruto principal da sua última aventura, que lhe inspira a biografia romanceada de um seu parente, assinala o apogeu da sua popularidade de romancista. As *Memórias do Cárcere*, também de 1862, são um notável testemunho sobre a vida prisional do tempo, com informações sobre criminalidade então endêmica ou organizada que retomará em novelas como *O cego de Landim*. (SARAIVA e LOPES, 1987, p. 815)

Na segunda parte do livro, nas peças intituladas *Ana Plácido* e *O Tempo de Seide*, Agustina cria cenas nas quais as personagens são constituídas a partir do convívio íntimo de Camilo, como sua companheira, seu filho, seus amigos. Os acontecimentos possuem como cenário lugares e circunstâncias significativas na vida do romancista, como a cidade do Porto, município em que ambos os escritores viveram, Bom Jesus do Monte, espaço frequentado por Camilo e referido no título de sua obra de 1864, além de S. Miguel de Seide, freguesia em que viveu com Ana Plácido até o fim de seus dias, quando ficou cego e suicidou-se. Dessa forma, todos os cenários que Agustina compõe na obra são desenvolvidos a partir de lugares importantes para o escritor português.

É notória a presença, no romance de Agustina, de uma ficcionalidade dos aspectos biográficos de Camilo Castelo Branco ao explorar os relatos das personagens procurando perceber a atmosfera cultural que os envolvia. Os espaços representados nos auxiliam a entender e compor de imediato o contexto histórico da época, por meio de locais que representam as regiões campestres do Douro e a cidade do Porto. Um exemplo é o café Guichard, que efetivamente existiu e era um dos principais pontos de encontros dos grupos boêmios e da tradição elitista e literária da cidade, da qual Camilo Castelo Branco fazia parte. Dessa forma, Agustina Bessa-Luís representa de forma detalhada, características da vida de

Camilo Castelo Branco, colocando em sua narrativa, todo o seu conhecimento sobre a vida e a personalidade do romancista.

Para suportar Camilo Castelo Branco como cidadão e como escritor, usou-se tudo o que está em iminência no coração e na inteligência: usou-se a piedade, o humor e a razão prática. Mas ele resiste a tudo. É um homem livre e fantasioso. Pessoas assim acabam mal e deixam às vezes uma obra que se pode imitar, mas que não serve senão para o recordar mais ainda naquilo que se não copia: o génio (BESSA-LUÍS, 2008, p. 67).

Na escrita agustiniana, pode-se perceber a figura de um Camilo que opta por não cumprir as regras impostas pela sociedade da época. E, além disso, representação de uma pessoa que despertava o temor das outras, por sua personalidade, sempre disposta a ultrajar o que ou quem fosse do seu desagrado. “E Camilo era um homem desses, um vendaval, um ciclone do alfabeto, uma barafunda de pretextos para arrepiar os cabelos das famílias nas salas de baile” (BESSA-LUÍS, 2008, p. 13). Nessa obra, Agustina vai apresentando o seu imenso conhecimento sobre a biografia de Camilo Castelo Branco, intensificando ainda mais a profunda relação que vai sendo construída como a mais efetiva entre seus leitores:

Ah, a melhor linhagem camiliana não se entende numa leitura cronológica! Não é feita de costumes, estilos, provas de génio ou dúvidas de carácter. O melhor da relação com Camilo é esse diálogo que circunda o acontecimento; esse trato com o outro que nós somos, para além de donzelas contrariadas e moços matadores; para além da guerra, do negócio, da intriga, da candura e do vício. Tudo é tão caricatural em Camilo que logo se dá conta não lhe bastar ser um pretexto doente, uma face de cartão, um cabide onde pendurar o coração e o chapéu. (BESSA-LUÍS, 2008, p. 23).

Um dos temas recorrentes entre as obras de Agustina e Camilo é a profunda reflexão sobre a condição humana. Dessa maneira, nos romances desenvolvidos pelos autores, frequentemente observamos as relações entre os indivíduos como ponto de partida para conflitos, aventuras e conexões, sejam elas amorosas, familiares ou cordiais. A autora portuguesa evidencia essa questão quando declara: “As pessoas é que são o material da minha escrita. Se eu não tivesse papel e tinta para escrever, acho que não sentia tanta falta deles como se não tivesse pessoas com quem falar e a quem observar.” (BESSA-LUÍS, 2009, p. 44)

Embora a autora destaque com muita frequência a personalidade implacável de Camilo, ela também aponta e descreve a vulnerabilidade do seu caráter. Dessa forma, demonstra também a imagem de um homem que sofreu muito ao ser abandonado pelos próprios familiares e amigos. A autora não enfatiza apenas os aspectos desagradáveis e polêmicos de Camilo, mas apresenta a imagem de um homem que falha em razão da sua difícil trajetória. Assim, como a própria autora afirma, “O indivíduo não contém apenas o seu duplo, mas muitos outros que reclamam a sua identidade desde o mais profundo do seu ser.” (BESSA-LUÍS, 2007, p.16).

Agustina Bessa-Luís, ao retomar a biografia de Camilo Castelo Branco em suas obras, não se pauta por uma escrita biográfica convencional, porque não abre mão da narrativa de ficção, mesmo no momento em que escolhe lidar com fatos históricos. Nesse ponto, é possível observar que a autora, frequentemente, utiliza o recurso “é provável (...)” não se comprometendo ao explorar e desenvolver a sua escrita. Maria de Fátima Marinho, em seu artigo *Reescrever a História*, declara:

A perspectiva teórica que temos vindo a desenvolver corresponde grosso modo àquela que preside à efabulação com base histórica de Agustina. É visível também em grande parte dos seus romances a multiplicidade de leituras de que pode ser alvo determinado facto passado, dando azo a interpretações diversas ou até subversivas, podendo mesmo personagens inventadas influenciar o decorrer dos acontecimentos tidos como referenciáveis, ou factos verdadeiros serem transferidos de uma época para a outra. A alteração da história canónica leva a uma reescrita do passado, reescrita que pode atingir os limites do (in)verossível. (MARINHO, 1995, p. 192)

Torna-se importante ressaltar essa relação entre dados biográficos e ficção pelo fato de entendermos que os escritores não tem a mesma posição de um historiador frente aos fatos históricos e/ou acontecimentos envolvendo personalidades, como é o caso de Camilo Castelo Branco. Apesar de Camilo ter sua vida conhecida por muitos, principalmente em Portugal, ao transformar um autor canônico da literatura portuguesa em personagem de sua obra, Agustina lida com as informações existentes sempre a partir da sua própria perspectiva, construída a partir de seu narrador, em um permanente processo de recuperação e transfiguração da memória de fatos da biografia de Camilo Castelo Branco:

Não é do meu entendimento adiantar alguma coisa à História de Portugal, já escrita e comentada por pessoas doutoradas para isso. No que me aparento com os cronistas é na tentação de romancear e meter diálogos fictícios onde só se ajustam secos relatos. A História faz-se com as vozes do povo e conveniências de cortesãos. (BESSA-LUÍS, 2010, p. 61)

Com isso, em muitos momentos, Agustina Bessa-Luís deixa nítida a sua opinião a respeito de Camilo Castelo Branco, ao tratar da importância do escritor para a identidade histórica do povo português, principalmente em relação aos assuntos que abordava. Fica claro que isso se deve ao talento do romancista ao narrar acontecimentos de fundo autobiográfico: “Em muitos dos seus livros percebe-se que, neles, o assunto pertence mais ao génio da vida do que ao talento da arte. Há temas que são pretextos para recordar; outros são motivos para viver” (BESSA-LUÍS, 2008, p. 27). Dessa maneira, por meio de sua fixação pela recuperação do passado, Bessa-Luís parece desejar resgate de verdades e memórias que podem ter sido perdidas por certa desfiguração histórica. Esse é o caso específico da obra *Fanny Owen* (1979), objeto principal desta dissertação.

O romance *Fanny Owen* (1979), revisita a fatídica história de amor ocorrida em 1850, no norte de Portugal, entre José Augusto Pinto de Magalhães e Fanny Owen. José Augusto era proprietário da quinta do Loureiro, levava uma vida boêmia pelas mesas dos cafés portuenses e gostava de escrever poesia. Fanny era filha do oficial britânico Owen, radicado no Porto. José Augusto e Camilo Castelo Branco frequentavam o mesmo círculo literário, tornando-se assim amigos. Supostamente, estavam ambos apaixonados por Fanny Owen. A paixão de José Augusto o fazia sentir ciúmes de qualquer tipo de cumplicidade entre a sua amada e o escritor. Movido por sua paixão, José Augusto pretende raptar Fanny com a intenção de casar-se com ela. Quando comunica tal fato ao amigo, Camilo tenta dissuadi-lo. Posteriormente, envia-lhe um embrulho a partir de outro remetente com as cartas que Fanny lhe escrevera, num momento em que já havia um compromisso informal com José Augusto.

O conteúdo das cartas, no entanto, era completamente ingênuo da parte da moça, servindo para ela apenas no sentido de desabafos. “Fanny escrevia regularmente a Camilo e fazia-lhe confidências simples (...) queixava-se de que não era compreendida, e pouco mais adiantava sobre os seus sentimentos. (BESSA-LUÍS, 2011, p.109). Apesar disso, José Augusto sente-se ferido no seu orgulho e,

mesmo com a evidente ingenuidade e pureza das missivas, acusa Fanny de o ter humilhado, informando que ainda que mantivesse o casamento, nunca a chamaria de sua esposa e nem viveria com ela. Embora a amasse, seriam apenas irmãos.

A cerimónia do casamento não contou com a presença de nenhum integrante da família Owen. Vivendo um casamento não consumado, a jovem infeliz definhava aos olhos de todos, devido ao desprezo da própria família por conta do rapto/fuga e à injusta rejeição do marido. Com isso, Fanny adoece e conseqüentemente falece em um curto prazo de tempo. Sentindo-se culpado pela morte da mulher e atormentado com a hipótese da suposta traição, José Augusto pede para o corpo de Fanny ser autopsiado, vindo o resultado confirmar a virgindade da jovem esposa. Sem a mulher que amara e a quem destruíra, José Augusto vive completamente atribulado, falecendo devido a uma overdose de ópio pouco tempo depois.

O motivo do triângulo amoroso faz-se presente em uma das mais importantes obras de Camilo Castelo Branco, *Amor de Perdição* (1862), demonstrando, desse modo, como as situações vividas mais de uma vez pelo próprio escritor, com Ana Plácido de fato, e platonicamente com Fanny Owen, deixaram marcas e vestígios em sua ficção. Desse modo, sendo Agustina Bessa-Luís discipula literária do escritor português, ela vislumbra uma grande oportunidade criativa de trabalhar tais elementos narrativos em um romance.

A carga dramática dos acontecimentos relacionados ao triângulo amoroso vivido por Camilo Castelo Branco mostrou-se como uma boa possibilidade para o fazer literário, tanto que o próprio romancista utilizou-se do caso em um dos capítulos de seu romance *No Bom Jesus do Monte*, publicado em 1864, e em *Duas Horas de Leitura*, publicado em 1924. Apesar de a obra de Agustina Bessa-Luís apresentar o nome de Fanny já no título, sugerindo certo protagonismo da figura feminina, de fato, não é isso que acontece, pois a jovem não passa de mera coadjuvante na história. Desse modo, Agustina Bessa-Luís, mostra-se fixada na carga dramática e na potencialidade literária que os acontecimentos e o protagonismo de Camilo produziam:

Trata-se de uma situação que era perfeitamente clara: dois homens que são completamente um do outro. E aqueles dois homens, que mutuamente se invejam e se fascinam, são distraídos, involuntária e obstinadamente pela mulher. A mulher interfere naquelas duas vidas, um pouco pela inveja que ela sente porque há qualquer coisa de que ela é excluída, há um sentimento profundamente viril de

compensação de duas personalidades, que não tem nada que ver com uma mulher. Mas simplesmente ela não tolera isso, ela interfere, com o sentimento de poder, não é um amor, ela é uma voluntária do poder que não suporta aquele estado de uma certa completude, que a rejeita. E então ela intervém e dá-se o desastre. Depois, passa tudo a ser caótico, em busca da vulgar estabilidade que não acontece. (BESSA-LUÍS, 1986, p. 54)

A partir dos aspectos de criação da obra, pode-se perceber que a origem do romance *Fanny Owen*, publicado em 1979, resultou de uma dinâmica curiosa, por não ter partido da autora a ideia da narrativa, e sim de um amigo, o cineasta Manoel de Oliveira (1908-2015), que posteriormente produziu a versão cinematográfica da obra com o título de “Francisca” (1981). Conforme Agustina Bessa-Luís anuncia em seu prefácio, a obra lhe foi encomendada já com a intenção de adaptação para o audiovisual:

Cada livro é uma peregrinação; não precisa de passaporte e aviso que o distinga e lhe assegure hospitalidade. Mas este tem umas contas a prestar, porque exatamente é um romance conduzido até mim através duma ideia que não me ocorreu a mim. Foi o caso de me terem pedido os diálogos para um filme cujo assunto seria *Fanny Owen*. Para escrever os diálogos tive que conhecer as circunstâncias que os inspirassem; e a história que os comporta. Assim nasceu o livro e o escrevi. (BESSA-LUÍS, 2011)

A relação de amizade e parceria profissional entre Agustina Bessa-Luís e Manuel de Oliveira é bastante conhecida e explorada em pesquisas acadêmicas. É importante ressaltar a emancipação que tanto Agustina quanto Oliveira tiveram ao executar seus trabalhos. Provavelmente esse seja um dos pontos que fizeram a parceria entre eles ter tanto êxito: a liberdade de criação de cada um ao desenvolver seus respectivos trabalhos. O próprio cineasta esclareceu ao confirmar sua identificação com a escrita agustiniana, dizendo: “Do que gosto no meu trabalho com ela é que é absolutamente livre. Ela escreve com plena liberdade um livro, mesmo que seja a partir de uma sugestão minha, e eu faço o filme com inteira liberdade.” (BELLO, 2002, p. 275)

Fanny Owen e *Francisca*, são criações ficcionais a partir da realidade e não abdicam da relação da obra com os aspectos historiográficos. Assim como a autora apropria-se de documentos autênticos e falas verídicas para escrever seu romance, para o cineasta, o contexto histórico é que exerce o papel de documentar o itinerário

de cada elemento da narrativa, já que a história de Portugal cruza com as histórias individuais dos personagens. É certo que a vida de Camilo Castelo Branco serviu facilmente na construção de novos relatos, mas também torna-se válido observar o permanente interesse que Agustina Bessa-Luís tem por assuntos biográficos, manifesto em muitas outras obras publicadas pela autora. De acordo com a própria:

Tudo o que eu escrevo se destina a interessar as pessoas na sua própria entidade. Daí, muitas vezes, ela ter um efeito devastador, a obra e a pessoa que produz. Sobretudo a pessoa, devo dizer. Eu desmarco os outros da rotina, espanto a manada. Depois os feitos são maravilhosos, combinam com a imortalidade (BESSA-LUÍS, 2000, p.75).

Desse modo, pode-se explicar a visão aguçada e crítica que Agustina Bessa-Luís tem do romancista português, pois antes mesmo de dedicar-se à escrita sobre Camilo Castelo Branco em duas de suas obras, como já citado anteriormente, a autora empenhou-se a outros romances biográficos e/ou biografias romanceadas de personalidades bastante conhecidas na História de Portugal, como a poetisa Florbela Espanca (*Florbela Espanca* - 1978), a pintora Maria Helena Vieira da Silva (*Longos dias têm cem anos – presença de Vieira da Silva* - 1982) , o herdeiro ao trono, D. Pedro e Inês de Castro (*Adivinhas de Pedro e Inês* – 1983), entre outros exemplos.⁸

O romance histórico, popularizado no período do Romantismo, é caracterizado pelo modo em que o autor utiliza de documentos e materiais históricos para elaborar sua escrita. É importante, no entanto, pontuar que esse tipo de romance permanece no âmbito literário e não no âmbito histórico, não podendo ser considerado pelos leitores como um documento para a História, e sim, como uma ficção, a partir do espectro da literatura. De acordo com Cosson e Schwantes:

Depois, como todos os romances são de uma maneira ou de outra históricos, não basta que em um romance sejam encontradas referências a episódios verídicos para que ele seja considerado romance histórico. Se tal critério fosse seguido a grande maioria dos romances, se não todos, seria histórico, uma vez que mesmo os romances de cunho mais intimista precisam de alguma referência ao mundo exterior das personagens. Igualmente, o romance histórico

⁸ Outros exemplos de obras que trazem elementos biográficos de pessoas relevantes para o cenário português: *O Susto* (1958) sobre o poeta Teixeira de Pascoaes, *Os meninos de ouro* (1985) sobre Francisco Sá-Carneiro e *O comum dos mortais* (1998), sobre o ditador António de Oliveira Salazar.

não deve ser confundido com os romances de ambientação histórica. O simples fato de um romance ter a sua ação em um tempo passado em relação aos seus leitores contemporâneos não lhe garante automaticamente a condição de histórico. Até porque qualquer romance que sobrevivesse a sua época seria automaticamente incluído na categoria de histórico. Tanto no primeiro caso, quanto no segundo, não se tem romance histórico. Na verdade, o que enseja o uso do adjetivo histórico em um romance é a presença da história como parte constitutiva da obra, isto é, a certeza de que sem a presença daqueles personagens que são pessoas e sem os episódios conhecidos como históricos o romance seria outro. (COSSON E SCHWANTES, 2005, p. 31-32)

A forma de elaboração do romance, buscando em textos autênticos, como os diários íntimos de Fanny e José Augusto, e ainda, textos de Camilo, contribui para uma escrita polêmica, carregada de traços questionáveis, além de trabalhar com a realidade e com a sociedade portuguesa de seu tempo, e dos tempos dos acontecimentos narrados. Mas, para além disso, torna-se evidente a busca da autora pela confiança de quem está a ler o seu romance, já no prefácio da obra, quando afirma que tudo que será narrado a seguir estará embasado em aspectos que legitimam a sua escrita.

Dessa maneira, Agustina Bessa-Luís constrói uma literatura que atualiza de forma crítica um passado histórico, desenvolvendo diversos ângulos de uma mesma história em formato ficcional, sem a preocupação e responsabilidade da escrita documental. Graças ao narrador, há uma problematização da realidade e das versões românticas da realidade representadas por diversos textos, como é o caso do de Camilo. Assim, cabe ao leitor estar aberto em sua leitura a novas interpretações e observações da “verdade”. Nesse sentido, Maria Theresa Abelha Alves confronta:

Explicitando no prefácio suas fontes, os textos de Camilo e os dos diários de Fanny e de José Augusto, em princípio documentos críveis, a autora diz: “talvez tudo possa parecer menos evasivo neste romance de evasões” (p.8), mas nada fica menos evasivo, e é dessa impossibilidade que se nutre o romance. Mesmo que as falas reproduzidas sejam autênticas, escritas por Camilo, Fanny ou José Augusto, como foram as de que Agustina se apossou, o resultado do romance ainda será evasivo, porque o que a linguagem expôs é, de um lado, a absoluta negatividade, representada pela impossibilidade de se fazer a biografia de Fanny Owen que o título do romance prometia, de outro, é a constatação da impossibilidade de traduzir o indizível que permanece como resto nas falas que se reproduziram. (ALVES, 2012, p. 139)

A forma crítica como Agustina se coloca ao ter Camilo Castelo Branco como uma de suas grandes inspirações e ao mesmo tempo, questionar e expor certos pontos de sua vida e obras, é o que coloca a autora portuguesa em um patamar acima de seus iguais dentro da literatura. Diante de uma sociedade completamente moralista, tanto Agustina quanto Camilo encontram-se condenados: ela por expor os fatos através de sua escrita, e ele, pela sua própria experiência dos acontecimentos. Um episódio polêmico, que muitas vezes pretende-se que seja apagado ou pelo menos esquecido, é recolocado em evidência por Agustina, em um ato de coragem ao manter e renovar tradições literárias ao mesmo tempo em suas narrativas. Sobre isso, Álvaro Manuel Machado afirma:

A bem dizer, Agustina não destrói essa estrutura do romance tradicional do século XIX, antes a reconstrói, aproveitando, entre outras, a lição de Raul Brandão, mas acrescentando-lhe elementos de bem diversas origens (Proust, os barros espanhóis, entre outros). Ou seja, (e é essa a grande novidade do seu romance): Agustina reinventa-a, incessantemente, pacientemente. (MACHADO, 1983, p. 177)

É certo que Agustina Bessa-Luís emula as características de Camilo Castelo Branco na obra sobre a vida do escritor português, usando esse fato como recurso para legitimar ainda mais sua escrita. Camilo, em algumas de suas obras⁹, traz personagens que existiram muitas das vezes em seu próprio contexto, na tentativa de validar aquilo que apresentava, como verdade. Apesar disso, a forma como Agustina desconstrói a realidade por meio de um estilo sarcástico e irônico, mas ao mesmo tempo aforístico em muitos momentos, faz com que suas formas sejam marcadas pela sua excepcionalidade no manejo com as palavras, como poucos no universo da literatura conseguiram fazê-lo, segundo muitos críticos. António José Saraiva, por exemplo em *Iniciação à Literatura Portuguesa*, declara sobre a escritora:

Agustina é, depois de Fernando Pessoa, o segundo milagre do século XX português e será reconhecida quando, com a distância, se puder medir toda a sua estatura, como a contribuição mais original

⁹ No romance *Amor de Perdição*, publicado em 1862, Camilo Castelo Branco traz a referência sobre "(...) a triste história de meu tio paterno Simão António Botelho." (1997, p.9).

da prosa portuguesa para a literatura mundial, ao lado do brasileiro Guimarães Rosa. (SARAIVA, 1999, p. 158)

Camilo Castelo Branco, mais que um influência é matéria para a construção das ficções de Agustina Bessa-Luís, dotadas de características e singularidades próprias na literatura portuguesa. Com isso, a escritora demonstra que o fascínio exercido sobre ela por Camilo Castelo Branco jamais limita seu olhar crítico, mas a estimula a analisa-lo e observá-lo atentamente todas as perspectivas. Assim, o engenho de Agustina Bessa-Luís na transfiguração da fatídica histórica que envolve o nome de Camilo Castelo Branco patenteia-se no requinte da construção de suas personagens, incluindo-se aí o próprio Camilo, permitindo que *Fanny Owen* seja considerado um dos seus melhores romances históricos.

2. A (re)escrita da História

A História é uma tradução deficiente que tem por ela o factor da actividade, factor que falta ao escritor. O historiador situa-se entre os povos caçadores; o escritor, entre os povos pastoris.

Agustina Bessa-Luís

Camilo Castelo Branco dedicou-se a produzir diversos romances históricos ao longo de sua trajetória como escritor.¹⁰ Seguindo o exemplo da tradição romanesca nortenha do romancista, Agustina Bessa-Luís foi considerada a autora que mais publicou romances históricos em Portugal (entre os anos de 1970 e 1998), conforme levantamento desenvolvido pela professora Maria de Fátima Marinho, em seu livro *O romance Histórico em Portugal*, publicado em 1998.¹¹ A caracterização e definição de um gênero que permeia entre a oscilação daquilo que é inventado com aquilo que é documental, ainda é algo bastante discutido entre teóricos literários. De acordo com Marinho, “definir rigorosamente o que é romance histórico não é tarefa tão fácil nem tão isenta de problemas como pode parecer.” (MARINHO, 1999, p. 11).

Conforme anteriormente comentado, *Fanny Owen* (1979) apresenta a reflexão a respeito de um evento histórico apoiado por sua construção ficcional. O apoderamento realizado por Agustina Bessa-Luís, revela não só o interesse que a autora desenvolve pelo romancista Camilo Castelo Branco, mas também a sua competência e habilidade para relacionar à sua leitura crítica da história. Além disso, ao rememorar um acontecido dentro de um contexto do século XIX, a autora portuguesa inclui em seu texto aspectos que identificam pensamentos e conjunturas do período referente. Nessa perspectiva, Márcia Valéria Zamboni Gobbi, em *A Ficcionalização da História: Mito e paródia na narrativa portuguesa contemporânea*, afirma sobre os romances históricos:

¹⁰ De acordo com a lista de “Subsídios para uma Cronologia do Romance Histórico em Portugal”, realizada por Maria de Fátima Marinho (Anexo – p. 309). Em ordem cronológica: *Livro Negro de Padre Dinis* (1855); *A Enjeitada* (1865); *Luta de Gigantes* (1865); *O Olho de Vidro* (1866); *O Santo da Montanha* (1866); *O Senhor do Paço de Ninães* (1867); *O Retrato de Ricardina* (1868); *O Santo da Montanha* (1868); *O Regicida* (1874); *A Filha do Regicida* (1875) e *A Caveira da Mártir* (1875).

¹¹ São eles: *Fanny Owen* (1979); *O Mosteiro* (1980); *Adivinhas de Pedro e Inês* (1983); *Um Bicho da Terra* (1984); *A monja de Lisboa* (1985); *A Corte do Norte* (1987); *Eugénia e Silvina* (1989); *Ordens Menores* (1992); *O Concerto dos Flamengos* (1994) e *As Terras do Risco* (1994).

No entanto, a par dessa concepção, de ordem ampla, ainda indiscutível, das relações entre história e ficção, fundada no conceito de representação, há que se considerar, também, a possibilidade de apropriação, pela literatura, da temática da história. Em outros termos: ao lado daquelas ficções literárias que aludem a situações históricas, com os mais diversos objetivos (entre eles, parece-nos que mais usual seja o de criar certo “efeito de real”) e, ao lado também daquelas ficções que apenas situam sua intriga num determinado contexto sócio-histórico, é preciso pensar naquela série de romances que tomam uma realidade qualquer do universo histórico e a transformam sem sua matéria, em parte integrante de sua estrutura. Estas ficções fazem da realidade histórica, então, uma (outra) realidade estética. (GOBBI, 2011, p. 38)

A ocorrência da ficcionalização das referências históricas, realizada por Agustina Bessa-Luís, potencializa as informações declaradas pelos envolvidos nos documentos reconhecidos como verdadeiros, além de amplificar as concepções e possibilidades das dinâmicas envolvidas. Com a publicação da obra, a escritora Agustina Bessa-Luís introduz em seu prefácio o procedimento necessário para compor seu romance histórico: utilizar-se de colagem de falas de Camilo, José Augusto e Fanny a fim de garantir a autenticidade dos fatos explorados na narrativa.

Não é coisa usual eu incluir prefácio nos meus livros. Entendo que eles se recomendam como os peregrinos de Santiago, pelas conchas que têm no chapéu e que simbolizam a viagem no sentido supremo, de descoberta, testemunho e redenção. Cada livro é uma peregrinação; não precisa de passaporte e aviso que o distinga e lhe assegure hospitalidade. Mas este tem umas contas a prestar, porque exatamente é um romance conduzido até a mim através duma ideia que não me ocorreu a mim. Foi o caso de me terem pedido os diálogos para um filme cujo assunto seria Fanny Owen. Para escrever os diálogos tive que conhecer as circunstâncias que os inspirassem; e a história que os comporta. Assim nasceu o livro e o escrevi. Pareceu-me necessário e útil trazer Camilo Castelo Branco à luz da nossa experiência humana sem o traduzir na opinião de escritor que é a minha. Por isso usei a colagem, e quase todas as suas falas são autênticas, que ele escreveu, em novelas, nos dispersos e nas folhas em que anotava diretamente da boca dos próprios em suas vidas. Em parte, porque as deixaram assim escritas nos diários íntimos; e também porque Camilo as fixou nos livros em que eles pousaram como personagens, ainda carregados da memória apaixonada que imortaliza tudo aquilo em que ela toca. (BESSA-LUÍS, 2011, p. 13-14)

Ao revelar em seu prefácio os mecanismos utilizados para a produção da obra *Fanny Owen*, a autora portuguesa Agustina Bessa-Luís aproxima sua escrita

daquilo que a crítica literária vai denominar como metaficção historiográfica. O conceito de metaficção historiográfica, conforme Linda Hutcheon aborda em *A Poética do pós-Modernismo* (1991), verifica-se como “àqueles romances famosos e populares que, ao mesmo tempo, são intensamente auto-reflexivos e mesmo assim, de maneira paradoxal, também se apropriam de acontecimentos e personagens históricos” (HUTCHEON, 1991, p. 21).

Dessa forma, Agustina Bessa-Luís toma posse dos episódios em torno de Camilo Castelo Branco em meados dos anos de 1850, no Porto, com o objetivo de explorar novas possibilidades acerca das situações narradas pelo próprio romancista. É certo de que qualquer autor, quando produz uma obra ficcional, mesmo abordando acontecimentos reais, não possui qualquer responsabilidade em comprovar que aquilo que escreve e relata tem associação efetiva com a verdade, diferentemente do que acontece no âmbito da História, por exemplo.

É oportuno aqui assinalar melhor a distinção que há entre a metaficção historiográfica e o romance histórico. Hutcheon afirma, como já mencionamos, que a primeira possui uma “intensa autoconsciência em relação à maneira como tudo isso é realizado” (HUTCHEON, 1988, p.150), visto que a ficção histórica segue e/ou é modelada pelo modelo da historiografia. Já acerca do romance histórico tradicional (ou scottiano), Lukács assevera que o “pano de fundo” desse subgênero do romance é realmente a historiografia. Hutcheon alega que, enquanto os protagonistas dos romances históricos deveriam ser “um tipo, uma síntese do geral e do particular” (HUTCHEON, 1988, p. 151), “os protagonistas da metaficção historiográfica podem ser tudo, menos tipos propriamente ditos: são os excêntricos, os marginalizados, as figuras periféricas da história ficcional” (HUTCHEON, 1988, p. 151). Ou seja, estes personagens estão inseridos no passado, mas não para sacralizá-lo de maneira nostálgica e sim para questioná-lo por meio parodístico. (PIMENTEL, 2016, p. 185)

As relações entre ficção e história é algo discutido há muito tempo por teóricos literários, mas é só no final do século XX que um novo conceito, apresentado por Hutcheon, é então denominado como “novo romance histórico”. À vista disso, para o professor e pesquisador Antônio Esteves: “Dentro dos princípios da pós-modernidade, o romance histórico contemporâneo rompe com as grandes narrativas totalizadoras, consciente da individualidade e sua forma fragmentada de ver e representar o mundo e, também, o fato histórico.” (ESTEVES, 2008, p. 11). De

acordo com Linda Hutcheon, a questão da verossimilhança mantém uma postura bastante questionadora, e por isso, acerca dessa questão, a autora afirma:

Entretanto, é essa mesma separação entre o literário e o histórico que hoje se contesta na teoria e na arte pós-moderna, e as recentes leituras críticas da história e da ficção têm se concentrado mais naquilo que as duas formas de escrita têm em comum do que em suas diferenças. Considera-se que as duas obtêm suas forças a partir da verossimilhança, mais do que a partir de qualquer verdade objetiva; as duas são identificadas como construtos linguísticos, altamente convencionalizadas em suas formas narrativas, e nada transparentes em termos de linguagem ou de estrutura; e parecem ser igualmente intertextuais, desenvolvendo os textos do passado com sua própria textualidade complexa. (HUTCHEON, 1991, p. 141).

A revisitação e a recomposição crítica do passado histórico feito por Agustina Bessa-Luís são mecanismos frequentes da metaficção historiográfica. Umberto Eco no seu *Pós-escrito a O nome da Rosa*, afirma que: “A resposta pós-moderna ao moderno consiste em reconhecer que o passado, já que não pode ser destruído porque sua destruição leva ao silêncio, deve ser revisitado: com ironia, de maneira não inocente. (ECO, 1985, p. 56-57).

Em *Fanny Owen*, fica evidente a intenção de Agustina Bessa-Luís em reconstruir a história tradicional para então, recontando-a a partir de uma perspectiva atualizada, produzir uma nova possibilidade desse passado recontado. Nesse sentido, “[...] a ‘realidade’ a que se refere a linguagem da metaficção historiográfica é sempre, basicamente, a realidade do próprio ato discursivo.” (HUTCHEON, apud GOBBI, 2011, p. 78).

A ficção não reflete a realidade, nem a reproduz. Não pode fazê-lo. Na ‘metaficção historiográfica’ não há nenhuma pretensão de mimese simplista. Em vez disso, a ficção é apresentada como mais um entre os discursos pelos quais elaboramos nossas versões da realidade, e tanto a elaboração como uma necessidade são que se enfatizam no romance pós-moderno. (HUTCHEON, 1991, p. 51).

Pode-se notar que quando um autor escreve um romance não deixa as suas percepções de lado, mesmo quando deseja mostra-se de forma neutra e/ou imparcial. No entanto, no caso de Agustina Bessa-Luís em *Fanny Owen*, o que acontece é justamente o contrário. Por meio do narrador, a escritora portuguesa faz

questão de deixar clara a sua posição em relação aos acontecimentos narrados, evidenciando a sua crítica e ironia ao abordar as situações e fatos passados.

1.1 Camilo escritor e Camilo Personagem

Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco (1825-1890) mais conhecido como Camilo Castelo Branco¹², importante autor do romantismo em Portugal, foi escritor, romancista, poeta, cronista, crítico, dramaturgo, historiador e tradutor. Mesmo começando a sua carreira literária após grandes nomes, como Almeida Garret (1799-1854) e Alexandre Herculano (1810-1877), foi o primeiro escritor a viver exclusivamente de sua pena, produzindo importantes colaborações para o mercado editorial de sua época. Seu primeiro romance publicado – *Maria! Não me mates, que sou tua mãe* (1848) – já foi uma bem-sucedida obra dentro do romantismo português, com quatro edições em apenas quatro anos, de 1848 a 1852. (PAVANELO, p. 25, 2013).

Autor do importante clássico *Amor de Perdição* (1862), teve sua vida contornada desde a infância, por tragédias e, na fase adulta, por diversas polêmicas, que inspiraram muitas de suas narrativas ficcionais. Com expressiva fortuna crítica, o legado literário do autor de São Miguel de Seide no Brasil, passou a ser estudado com maior intensidade a partir da publicação de *Introdução aos estudos da novela camiliana*, em 1946, pelo professor e crítico literário, Jacinto do Prado Coelho. De acordo com ele:

Camilo, dentro da restrita esfera do Portugal do Romantismo, construiu o seu mundo peculiar. Fê-lo com bastante independência, procurando obedecer à sua lei própria, seguir o seu caminho, elaborar os materiais da experiência que ia adquirindo dos homens e da vida. Por isso geralmente se apresenta Camilo como uma força da natureza, sobranceiro a escolas, impermeável a tendências que não fossem as próprias tendências instintivas. (COELHO, 2001, p. 107).

Apesar de ter sido um escritor que agradou ao público desde o início de sua carreira literária, principalmente com suas novelas publicadas em folhetins, Camilo

¹² A partir desse momento, para uma clara distinção na leitura e definição dentro da pesquisa, sempre que houver referência ao nome simples Camilo, tratar-se-á da personagem de Agustina, na obra *Fanny Owen*. Desse mesmo modo, sempre que houver a referência ao escritor português, será pelo seu nome, Camilo Castelo Branco.

Castelo Branco ficou também muito conhecido por sua personalidade áspera e bastante problemática diante da sociedade, desaprovada por muitos portugueses da época. “Camilo media a sua importância pela qualidade dos seus inimigos. «Um Homem lastimável é aquele que tem medíocres inimigos», dizia.” (BESSA-LUÍS, 2011, p.105). De acordo com o crítico Theophilo Braga, em *As modernas ideias na Literatura Portuguesa*:

Há em Camilo Castelo Branco dois escritores, que se destacam claramente na sua obra: o idealizador sentimental, religioso, afetivo, e o caricaturista cheio de ironias, comprazendo-se em representar as aberrações risíveis da natureza humana. Paire entre estas duas atrações; uma leva-o ao enternecimento idílico, que o faz aceitar todas as pieguices do romantismo, a outra o impele à provocação polêmica, em que faz da pena um estilete onde verte todos os venenos que se podem concentrar na linguagem. (BRAGA, 1892, p. 241.)

Dessa maneira, com um importante conjunto de publicações, o romancista português tornou-se extremamente conhecido, principalmente por sua escrita autobiográfica, e, por isso, suas próprias experiências de vida tornaram-se, frequentemente, temáticas para suas narrativas. Muitas de suas criações literárias foram baseadas em suas aventuras amorosas, que não foram poucas: “A acidentada vida passional de Camilo Castelo Branco foi a mais importante fonte da própria novela camiliana” (SARAIVA e LOPES, 1989, p. 814).

Mesmo que as experiências amorosas vividas por Camilo Castelo Branco tenham tido demasiada relevância para sua vida, Agustina Bessa-Luís afirmava que ele era bastante temido por muitas mulheres da sua época. Além disso, Aquilino Ribeiro (1885-1963), um dos romancistas mais produtivos do século XX em Portugal, também declarou: “Reiteramos o juízo que, a nosso ver, é uma das chaves psicológicas tanto da vida como da obra de Camillo: as mulheres não gostavam dele.” (RIBEIRO, 1974, p.203). Apesar dessa característica ser marcante assim como a personalidade do próprio romancista, Bessa-Luís aborda e defende essa particularidade de Camilo Castelo Branco:

Quando um homem não tem tempo para as mulheres é porque é um génio. (...). As mulheres não gostavam dele porque temem quem parodia o que há para parodiar, que é quase tudo; e, se não formos cobardolas e chochos, é mesmo tudo. E Camilo era um homem desses, um vendaval, um ciclone do alfabeto, uma barafunda de

pretextos para arrepiar os cabelos das famílias na sala de baile.
(BESSA-LUÍS, 2008, p. 12-13)

Dentre as mulheres mais conhecidas que passaram por sua vida, destacam-se: Maria do Adro, rapariga simples que foi desenterrada pelo próprio Camilo¹³ e seu cunhado; Joaquina Pereira de França, sua primeira esposa com quem teve uma filha, falecidas anos após Camilo as abandonar¹⁴, Patrícia Emília de Vila Real, com quem teve sua segunda filha, Bernardina Amélia; soror Isabel Cândida Mourão, amante que criou sua filha e que regularmente Camilo a encontrava¹⁵, Fanny Owen, protagonista do mítico triângulo amoroso vivido em 1850 entre Camilo e José Augusto Pinto de Magalhães, e por fim, Ana Augusto Plácido, a mulher que dentre todas as outras de Camilo, mais se sobressaiu, tanto pelos acontecimentos que viveram juntos, como o adultério e a prisão, quanto pelo destaque alcançado por ser esse o relacionamento que perdurou até a morte do romancista português.

Assim, apesar das muitas mulheres que marcaram a vida do autor, é possível observar que as relações conflituosas e difíceis que Camilo Castelo Branco desenvolvia com elas podem ser compreendidas, de certa maneira, pela forma como o narrador onisciente em *Fanny Owen* aborda os pensamentos e opiniões que a personagem de Camilo tinha sobre as outras figuras dentro da obra:

Para ele, Fanny não era uma mulher cujas virtudes se revelariam fictícias no momentos em que ela amasse. Era apenas uma imagem capaz de produzir na sua imaginação todas as metamorfoses necessárias para chegar ao próprio campo entrincheirado da paixão. José Augusto era um homem de paixão; Camilo um homem de sensações. Entre eles estava Fanny, que servia ambos – os desejos insaciáveis e as fraquezas que nascem dos sentidos traídos.
(BESSA-LUÍS, 2011, p. 152)

Apesar de muitos estudiosos analisarem a escrita de Camilo Castelo Branco a partir da influência que sua biografia exerce sobre ela, em *A problemática da História Literária*, Jacinto Prado Coelho defende que ao examinar uma obra, é necessário partir tanto da tendência em buscar exclusivamente a beleza formal, característica

¹³ Acontecimento narrado por Camilo Castelo Branco em *Duas Horas de Leitura*, publicado no ano de 1857: Lisboa, s/e, 2.^a ed., 1924, p. 67-71.

¹⁴ Acontecimento descrito por Alexandre Cabral em *Camilo Castelo Branco: Roteiro dramático dum profissional das letras*, Lisboa, Terra Livre, 1980, p.32-34.

¹⁵ Acontecimento citado em *Fanny Owen*, de Agustina Bessa Luís, de 1979, p. 79-81.

do formalismo da análise, quanto os contextos históricos e biográficos nelas contemplados. Segundo o crítico literário, “isto justifica plenamente que uma História Literária seja, ao mesmo tempo, uma História da Cultura Literária e uma História de vivências pessoais (biografia, motivação psicológica) que levam à criação” (COELHO, 1961, p. 23). Dessa maneira, sobre a importante ligação que a biografia de Camilo Castelo Branco desenvolve com suas obras, Isabel Allegro de Magalhães explica:

Qualquer crítico da obra camiliana desde sempre reconheceu que Camilo é autor de tão prepotentes personagens históricas e reais que será praticamente impossível ler a sua obra sem conhecer antes, e paralelamente, a sua vida. E isto não só porque Camilo usa a autobiografia como matéria constante da sua ficção, mas porque as contínuas intrusões da sua pessoa dentro da narrativa habituaram o leitor a considerá-lo personagem das suas próprias obras. É uma personagem de contornos reais e ideais que será interessante confrontar com o que a crónica nos tem legado na base de acontecimentos verídicos. (MAGALHÃES, 1995, p. 253)

Dessa forma, torna-se importante ressaltar que a recriação ficcional da vida e obra de Camilo Castelo Branco não é encontrada apenas por meio das obras *Fanny Owen* e *Camilo: Gênio e Figura*, de Agustina Bessa-Luís. O romancista e seus aspectos biográficos também são abordados na obra de Mário Cláudio, pseudônimo literário de Rui Manoel Barbot Costa (1941-), que trabalhou em seus romances, a ficcionalização de personagens inspirados em grandes nomes da historiografia e literatura portuguesa. É o que acontece em seu livro *Camilo Broca*, publicado em 2006. A ficção tem como pano de fundo, a genealogia paterna de Camilo Castelo Branco, com o grande objetivo de se propor a narrar também, a história política portuguesa dos finais dos século XVI, a partir da perspectiva do homem comum. (NASCIMENTO, 2013, p. 81)

É também o caso do romance *Espingardas e música clássica* (1987), em que Alexandre Pinheiro Torres (1923-1999), professor, escritor e crítico literário, escreve sua narrativa baseada na obra de grande destaque de Camilo Castelo Branco, *Amor de Perdição*. A obra, altamente política, foi escrita em 1962, no princípio de crise da ditadura salazarista, mas só foi publicada após o fim da ditadura, treze anos depois da Revolução dos Cravos. Dessa forma, o interessante título faz referência às espingardas que muito provavelmente não foram utilizadas pelos soldados portugueses durante a retomada dos territórios da chamada Índia Portuguesa (Goa,

Damão e Diu) pela União Indiana de Nehru. Além disso, durante esse espaço de tempo, a Emissora Nacional portuguesa transmitia música clássica, com o objetivo de amenizar ou ocultar a verdade a todo o povo português que acompanhava as notícias da época.

Além da ficcionalização de sua figura histórica por importantes escritores, Camilo Castelo Branco mereceu uma fotobiografia, antologia de imagens e textos, lançada na famosa “Casa de Camilo” em São Miguel de Seide, freguesia portuguesa do concelho de Vila Nova de Famalicão, no ano de 2009, por João Viale Moutinho, jornalista e escritor camiliano. Essa fotobiografia, torna possível conhecer os locais por onde passou Camilo Castelo Branco, além de apresentar os seus amigos mais íntimos e consultar os recados que deixou ao longo de sua trajetória, o que demonstra o imenso interesse e inspiração que a história da vida de Camilo Castelo Branco ocasiona até os dias de hoje.¹⁶ Agustina apresenta no texto *Camilo e as Circunstâncias*, o seu fascínio pelas obras de Camilo Castelo Branco e comenta o seu processo de escrita sobre o romancista:

Pus-me a escrever sobre Camilo Castelo Branco sem que da sua vida e obra possuísse mais elementos do que os que são facultados a um leitor cuidadoso. Dos seus livros, alguns há que sempre causam admiração; a frescura de sua prosa é inimitável, o seu humor, como uma rajada fulgurante, traz consigo, porém, aquela reticência nostálgica que um português de boa lei sempre faz acompanhar, [...]. A ironia e a versatilidade, o prazer iconoclasta logo redimido por uma afabilidade pelos humilhados, vão direto a certa inculpabilidade congénita no português. É preciso ser-se profundamente português para entrar com Camilo na província afável exasperante de imperturbável casualidade, casualidade nos negócios e nas artes, que ocultam afinal um método, um contrato com a vida. (BESSA-LUÍS, 2008, p. 59).

Finalmente, mesmo que Camilo Castelo Branco tenha se tornado referência e influência para muitos escritores, é em Agustina Bessa-Luís que talvez se perceba a sua realização com maior excelência. Dessa forma, quando surge a oportunidade

¹⁶ Moutinho ainda afirma sobre Camilo Castelo Branco: “Aquela sua maneira de pegar em duas linhas de um registo de cadeia e escrever uma novela... De partir de um documento para uma ficção dando-nos uma sensação de que tudo aquilo é comprovadamente verdadeiro, como nós gostamos de trazer um romance que, afinal não passa de uma suprema ficção!”. Disponível em <https://www.dn.pt/cartaz/livros/fotobiografia-de-camilo-castelo-branco-lancada-hoje-1431336.html>. Acesso em 25/04/2021.

para a autora abordar essa polêmica em torno da biografia de Camilo Castelo Branco, ela abraça a proposta e realiza uma de suas obras de maior prestígio.

2.2. Camilo e Fanny Owen

A relação entre a figura de Camilo Castelo Branco e os acontecimentos da fatídica história entre ele e o casal José Augusto e Fanny Owen foram retratados diretamente em muitos momentos, na escrita do próprio romancista português, demonstrando a importância que esse episódio teve não só na sua vida pessoal mas também na sua vida como escritor. De acordo com a professora Isabel Allegro de Magalhães, encontram-se as seguintes menções diretas ao caso e às personagens: Na obra *Um livro* (poema – “Alda”), publicada no ano de 1854, mesmo ano da morte de Fanny Owen; em *Duas Horas de Leitura*, no capítulo “sete de junho de 1849”, publicado em 1857; no capítulo intitulado “1854”, da obra *No Bom Jesus do Monte*, publicada no ano de 1864; em *Vinte Horas de Liteira*, de 1864, em *Cem cartas de Camilo* (s/d), e na obra *Memórias do Cárcere* (p. 63-64), publicada em 1862. (MAGALHÃES, 1995, p. 261)

A base para a história encontra-se fundamentalmente em dois textos de Camilo Castelo Branco – “sete de junho de 1849” e “1854”. Agustina, todavia, lê criticamente os referidos textos e não resiste a reinterpretá-los, de acordo com a sua visão moderna e desassombrada, não hesitando em pôr em causa a imparcialidade do autor de *Amor de Perdição*, ao atribuir-lhe um pérfido papel: “Que sabemos de Fanny senão o que nos diz o escritor nesse memorial (*No Bom Jesus do Monte*)? Muito pouco. Depreende-se que era uma dessas raparigas cuja a banalidade tem a desarmá-la a conflitos do próprio sexo e a elegância da vida privada, à inglesa. (...) Esse Alcebíades de pequeno destino que era José Augusto é mais do que certo que despertou em Camilo a inveja mais exasperada que há – que é a inveja sem disponibilidade da alma para aliar ao desejo. A inveja sem desejo é um flagelo insuportável.”¹⁷ Estes comentários que Agustina faz num pequeno ensaio sobre Camilo são subtilmente sugeridos no romance, quer através de insinuações, tão ao gosto da escritora, quer através de asserções, facilmente contrariadas se lermos os textos de que ela diz servir-se. (MARINHO, 1999, p. 174)

Praticamente em todas as referências realizadas pelo escritor português, nota-se a complexidade narrativa que Camilo Castelo Branco desenvolve na forma

¹⁷ Bessa-Luís, Agustina. *Camilo – Gênio e Figura*. Lisboa, Editorial Notícias, 1994, p. 38-39.

superficial e distante, mas ao mesmo tempo detalhada e íntima com que se relaciona com os acontecimentos. Como exemplo de entendimento, no livro, *Duas Horas de Leitura* (1857), Camilo Castelo Branco inicia sua narrativa recordando para seu amigo e confidente, José Barbosa e Silva, o dia em que conheceu José Augusto Pinto de Magalhães. A figura de “Barbosa”, configura dentro da narração, a representação de intimidade construída intencionalmente por Camilo Castelo Branco, a partir de um ambiente em que se espera um lado da história mais profundo: “Vamos recordar um amigo comum, meu caro Barbosa. Faz hoje oito annos. Era uma manhã assim formosa de poeticas louçanias como esta.” (CASTELO BRANCO, s/d, p. 75).

O leitor é colocado pelo romancista no mesmo patamar de intimidade e interlocução de Barbosa, ao ponto que assume função de julgador e crítico da narrativa que vai sendo exposta por ele. Segundo Aníbal Pinto de Castro, em *Narrador, tempo e leitor na novela camiliana*, “(...) ao medir a simpatia ou o perdão do leitor, não estava Camilo, muitas vezes, tão esquecido de si próprio como poderia julgar-se à primeira vista. Advoga também – e daí a veemência de seus apelos – a sua própria causa.” (CASTRO, 1995, p. 127). É certo que essa relação criada dentro do texto, só consegue ser percebida por aqueles que já possuem certo conhecimento sobre os fatos descritos pelo narrador e estabelecem relação com outras informações externas ao texto, diferentemente do que acontece em *No Bom Jesus do Monte*, quando Camilo Castelo Branco inicia a sua narração adiantando uma breve explicação:

Um leitor pergunta-me quem era Fanny Owen e José Augusto Pinto de Magalhães. Outro, lendo estes nomes, recorda um caso infausto, mas negro, negro todo ele da negridão do mistério, selado por duas sepulturas, uma no cemitério da Lapa, no Porto, outra no Alto de S. João, em Lisboa. A pergunta do primeiro responderei nas páginas que aí vem, escritas com a verdade de uma consciência aberta diante dos homens e diante de Deus. (CASTELO BRANCO, s/d, p. 69)

O capítulo nomeado “sete de junho de 1849”, em *Duas Horas de Leitura* (1857) é iniciado por duas epígrafes: “Trabalhei muito para compreender todas estas coisas, e assentei que o homem não pode entender as obras de Deus; nem achar a razão do que succede debaixo do sol” (Eclesiastes IV) e “É, pois, um sancto e

saudável pensamento orar pelos mortos.” (Maccabeus). Já no início, Camilo Castelo Branco resgata referências que apontam para artifícios do sagrado, contrapondo-lhe, definitivamente, as suas possíveis atitudes profanas diante dos fatos, atribuídas a ele pela sociedade da época.

Desse modo, desde o princípio do capítulo, torna-se notória a sua intenção de narrar os acontecimentos como mero observador e não, participante. No artigo *O narrador/autor em Duas Horas de Leitura: uma abordagem da ironia retórica no discurso camiliano* (2001), Ana Carolina de Andrade Aderaldo afirma:

A figura do narrador/autor irá utilizar essa certa “confusão” em relação ao seu estatuto a favor da construção do seu discurso, afirmando-se, negando-se, discutindo-se, questionando a enunciação e o enunciado e revelando a consciência de que é o emissor de uma mensagem auto-reflexiva e auto-crítica, que sobretudo ensina o leitor a distanciar-se do que lê. (ADERALDO, p. 14, 2001)

É notável como a personalidade complexa de Camilo Castelo Branco é apreendida em suas reflexões sobre si mesmo. Segundo Fialho D’Almeida, “Outro sinal frisante da alienação literária, em Camilo, é esse flutuar contínuo do seu espírito, subsidiado por variações de humor, que na mesma página vai do grotesco ao trágico, sem transição sensível.” (D’ALMEIDA, 1941, p. 18). Como acontece em *Fanny Owen*, Camilo Castelo Branco torna-se personagem, mas da sua própria obra, revelando, em muitos momentos de sua narrativa, seus pensamentos e opiniões sobre o fidalgo José Augusto. De maneira sucinta mas muito impactante, o romancista descreve os sentimentos conflituosos que ele sentiu pelo amigo, ora desprezando-o, ora admirando-o:

Até simulávamos reciproca antiphatia, e razão havia para ella, desde que nos encontramos em crua guerra por causa das celebres rixas do theatro lyrico de 1849, no Porto, em que eu fui um tólo, e José Augusto um pretendente. Uma noite, porém, no Café-Guichard, o nosso amigo sentou se á minha meza, e não sei o que me disse ácerca de uma poesia-folhetim, que ali estava, rica de erros de syntaxe, e injurias ao senso-commum. Gostei do entroito. Parecia-me outro, com grande vantagem sua, José Augusto. Por pouco nos não franqueamos os segredos do coração um ao outro. Estivemos em conversação agradável algumas horas, e ajustamos um passeio a cavalo na manhã do dia seguinte. (CASTELO BRANCO, 1924, p. 76)

Camilo Castelo Branco descreve, em seguida, o passeio a cavalo feito com o companheiro. A uma légua da cidade do Porto, o trajeto percorrido os levou até uma pequena aldeia, sobre a qual José Augusto diz: “Alli moram das lindas mulheres. Já as via algumas vezes, e, quando as vejo, fico pensando n’ellas alguns dias.” (CASTELO BRANCO, 1924, p. 78). Com isso, Camilo descreve a casa das irmãs Owen, e conseqüentemente o sentimento de contemplação que José Augusto sentia por elas. Ao longo de apenas seis páginas, o romancista rememora aquele dia e divaga sobre como ele achava o amigo um poeta.

Assim, o capítulo encerra-se com o retorno no narrador e de José Barbosa ao primeiro plano, com esta advertência: “Tu sabes que estas linhas podem ser a introdução de uma grande tragédia.” (CASTELO BRANCO, 1924, p. 83). Sem detalhar, de fato, qual infortúnio seria esse, o escritor português faz o desfecho do capítulo, remetendo à taciturnidade daquela conversa, sem grandes pormenores e explicações: “Como isto é melancólico, meu amigo” E que mundo este... Adeus.” (CASTELO BRANCO, 1924, p. 84). De acordo com Gregolin,

Toda produção de textos é, por isso, um processo que se realiza por um gesto de organização de discursos, retirados do passado, da tradição. Por estar ligado, assim, a uma memória discursiva, esse gesto se define pelo que inclui e pelas suas faltas. Incluindo e excluindo, fazendo recolhas, o autor-leitor executa operações que regulam a escrita e constroem um novo objeto de leitura, com sua nova organização de espaço e de tempo. (GREGOLIN, 2001, p. 65)

Nessa passagem de *Duas Horas de Leitura*, há referência à figura de Fanny Owen, porém, em nenhum momento, Camilo Castelo Branco refere-se nominalmente à jovem inglesa, mencionando-a apenas como “a esposa de José Augusto”. É possível perceber o peso que o nome de Fanny Owen tem para si e evitá-lo acaba por ser a sua alternativa. Dessa maneira, Camilo Castelo Branco não confirma sua parcela de culpa para os leitores que esperam isso e também não chama atenção dos que não estão inteirados sobre os detalhes que o contexto dessa tragédia traz consigo.

De acordo com Câmara Cascudo, “Não pode existir coisa sem nome que é próprio título e personalização, indissolúveis para sempre. [...] O nome é a essência da coisa, da entidade denominada. Sua exclusão extingue o que se denominou.” (CASCUDO, 2004, p. 658)

Percebe-se, portanto, o objetivo de afastamento que Camilo Castelo Branco desenvolve em relação a Fanny Owen, em uma tentativa de demonstrar efetivamente ao leitor que ambos não se relacionavam, diferentemente da forma como Agustina Bessa-Luís descreve a relação entre ambos: “Mas não era indiferente à bela Fanny, sobretudo porque ela representava um laço profundo com aquela zona misteriosa da rivalidade dos homens que tanto tem que ver com uma ferocidade subvertida à conveniência.” (BESSA-LUÍS, 2011, p. 150). Além disso, Agustina Bessa-Luís, em *Fanny Owen*, apresenta os acontecimentos de uma forma completamente diferente, demonstrando como esse dia descrito por Camilo Castelo Branco em *Duas Horas de Leitura*, não foi indiferente para ele:

Foi para casa, deitou-se na cama e pensou nos incidentes daquele domingo, o passeio com José Augusto, as suas travessuras, as suas tristezas, a capela com as velas lacrimosas de cera, a casa do Paraíso com a japoneira florida. E Fanny. (...) Camilo viu-se de repente a criar peripécias e paixões em volta unicamente da família Owen. (BESSA-LUÍS, 2011, p. 78-79)

A funesta história ganhará repercussão em leituras posteriores que continuarão a ser feitas sobre esse fato. A grande questão debatida por muitos portugueses girava em torno do que de fato era verdade ou sobre de quem dever-se-ia duvidar, especialmente em relação às narrativas de Camilo Castelo Branco. De acordo com Rute Silva Correia, em seu artigo “A verdade é o que Camilo deixou escrito”, o romancista português não disse a verdade sobre os seus mortos:

Os espíritos de Fanny e José Augusto perscrutam ainda através das várias leituras que acerca deles têm vindo a ser feitas. Em Camilo e Fanny, por exemplo, Manuela de Azevedo atribui esta mesma denúncia à personagem de José Augusto, quando esta declara que “Camilo nunca dirá a verdade!” (AZEVEDO, Camilo 210). Efectivamente, conforme refere João Bérnad da Costa em “Os filmes da minha vida”, toda esta a história de Fanny se construiu sobre um “buraco negro” (COSTA 70), que é o abismo sem fundo do coração humano e da sua memória; o “coração das trevas” agustiniano, herdado de Conrad. (CORREA, 2010, p. 255).

O fato de Camilo Castelo Branco ter abordado diversas vezes a sua conturbada amizade com José Augusto Pinto de Magalhães e a relação que ele estabeleceu com a família Owen e Vilar do Paraíso, demonstra como essa fase que

ele viveu na cidade do Porto e todos os acontecimentos que se desenvolveram deixaram seu espírito desassossegado. Sendo assim, fica perceptível a potência do sentimento de culpa que Camilo Castelo Branco carregava acerca dessa passagem de sua vida e o quanto tudo que estava relacionado a esses episódios o aterrorizava, já que ele próprio assegura em *No Bom Jesus do Monte* que era assombrado pelo fantasma de Fanny, vendo-a depois de morta em seus sonhos. (s/d, p.141)

Há em Camilo um movimento de inveja que é o que verdadeiramente se põe à constância da amizade com José Augusto. Lutou com o reconhecimento em cuja dependência ficou, como um laçao barulhento e ávido. Os defeitos de José Augusto são do temperamento e não do sentimento. Ele sabia que o sentimento não é objeto de transação, que não se endivida, que não faz escravos. Camilo foi seu escravo, porque empenhou o seu génio em submeter valores que muito o seduziam; e até a vida de Fanny foi sacrificada no mísero campo do amor próprio, tão semelhante à paixão mais rara. (BESSA-LUÍS, 2011, p.272)

Sob o mesmo ponto de vista, parece ficar evidente o fato de Camilo nunca ter amado Fanny verdadeiramente. Pode-se talvez dizer, que nesse triângulo ninguém ama realmente alguém, senão sob o prisma da simples pretensão de amar, pelo símbolo que o amor representa e constitui enquanto elemento de poesia e mistificação, que é, de resto, o que sobra, a exemplo de quando Fanny morre e José Augusto reage no limite da superficialidade: "Como eram os sapatos que ela levou quando fugiu comigo?" (BESSA-LUÍS, 2011, p. 100). Do mesmo modo, durante a fuga do casal, Fanny rememora a figura de Camilo: "Ela pensou em Camilo, que a tinha ido ver uma vez, já estremecidas as relações com José Augusto. Fanny deixara de lhe escrever, e ele apareceu uma tarde, muito transtornado." (BESSA-LUÍS, 2011, p. 185)

Fanny também acaba por não amar nenhum dos dois, pois nenhum dos homens ama Fanny. Sobretudo, antes, amam um arquétipo de Fanny, uma vontade de fazer-se amantes e amada. É evidente que a jovem moça foi seduzida pelo desejo manifesto pelos dois homens que diziam amá-la. Segundo afirma o cineasta Manoel de Oliveira, que adaptou a obra de Agustina Bessa-Luís para o cinema português com o filme intitulado "*Francisca*" (1981), "As mulheres são mortas pelos homens! Pelo amor dos homens! Por causa do egoísmo dos homens. Elas querem alcançar o impossível e desembocam na indiferença." (BAECQUE E PARISI, 1996, p.

109). José Augusto e Camilo parecem tomar a figura de Fanny uma espécie de “apoio estético” para as suas próprias simulações românticas, entre o real e o ideal. Dessa maneira, Fanny torna-se então “vítima da sua carga libídico-simbólica” (BESSA-LUÍS, 2011, p.171). Como exemplo, transcrevemos um fragmento em que ficam nítidas as verdadeiras intenções da personagem Camilo:

Era ridícula aquela manobra em volta duma rapariga sempre contristada e sonolenta, e que, deveras, não lhe interessava. Mas, depois de trocar umas palavras com José Augusto, em tom ansioso e quase demente, tudo se transformava. Achava Fanny arrebatadora, queria acorrentá-la com o mais forte dos laços, que não era decerto o de amante. Como devia trata-la para gozar da sua submissão? Como um irmão, talvez. Ela era extremamente tocada pela aura familiar, sobretudo se ela lhe sugeria a infância. (...) Apetecia apertá-la nos braços, como se a Terra fosse acabar e nesse abraço se consumasse a história do mundo. Camilo correu os dedos pelos cabelos e ficou de cabeça baixa, desesperado com a sua própria alteração, que não sabia como qualificar. (BESSA-LUÍS, 2011, p. 135-136)

A construção da personagem Camilo, na obra *Fanny Owen*, de Agustina Bessa Luís, por meio de sua visão como crítica e admiradora de Camilo Castelo Branco, converte-se em uma potência da obra agustiniana. Torna-se evidente, ao longo da leitura, a genuína importância que a personagem apresenta para a narrativa, por meio dos acontecimentos explorados ao redor de suas vivências e dos espaços pelos quais circulou. Através de um foco narrativo que privilegia a observação de suas atitudes e diálogos, o leitor é levado a conhecer cada passo da personagem Camilo o encadeamento dos acontecimentos que o cercam. Diante dessa relação entre a pessoa real e a personagem, Anatol Rosenfeld em *Literatura e Personagem*, declara:

Antes de tudo, porém, a ficção é o único lugar – em termos epistemológicos – em que os seres humanos se tornam transparentes à nossa visão, por se tratar de seres puramente intencionais sem referência a seres autônomos; de seres totalmente projetados por orações. E isso a tal ponto que os grandes autores, levando a ficção ficticiamente às suas últimas consequências, refazem o mistério do ser humano, através da apresentação de aspectos que produzem certa opalização e iridescência, e reconstituem, em certa medida, a opacidade da pessoa real. É “olhar”, através de aspectos selecionados de certas situações, da aparência física e do comportamento – sintomáticos de certos estados ou processos psíquicos – ou diretamente através de

aspectos da intimidade das personagens – tudo isso de tal modo que também as zonas indeterminadas começam a “funcionar” – é precisamente através de todos esses e outros recursos que o autor torna a personagem até certo ponto de novo inesgotável e insondável. (ROSENFELD, 2014, p. 35-36)

Ao ficcionalizar a pessoa real de Camilo Castelo Branco em suas narrativas, Agustina Bessa-Luís desenvolve um mecanismo de atração para seu público, pois aguça a curiosidade daqueles que ainda não conhecem a história verídica narrada e também daqueles que já a conhecem, mas querem saber mais: “Tudo o que eu escrevo se destina a interessar as pessoas na sua própria entidade. Daí, muitas vezes, ela ter um efeito devastador, a obra e a pessoa que produz.” (BESSA-LUÍS, 2000, p. 75.). Além disso, a escritora estimula em sua ficção, a partir dos acontecimentos biográficos, o fascínio pelo histórico à luz da imaginação. Em relação a isso, o filósofo Roman Ingarden afirma que:

Quando nós, em razão de qualquer circunstância em que se dá a concretização da obra, somos logo de princípio obrigados a pensar que nos acontecimentos e objetos apresentados se trata de formações puramente fictícias que não comportam em si nenhum indício do aspecto de realidade, então a obra permanece para nós como algo de irrelevante, morto, dispensável, a sua polifonia valiosamente qualitativa não tem possibilidade de se desenvolver nem tão pouco as qualidades metafísicas atingem a sua revelação. (INGARDEN, 1979, p. 374-375)

Agustina Bessa-Luís constrói uma literatura que atualiza de forma crítica um passado histórico, desenvolvendo diversos ângulos de uma mesma história de forma totalmente ficcional, sem a preocupação e consciência da escrita documental. Através de seu narrador que tudo vê e sabe, há uma grande responsabilidade narrativa que reflete sobre e questiona a veracidade das versões românticas da realidade representadas em diversos textos, como é o caso de *No Bom Jesus do Monte*, de Camilo Castelo Branco. Assim, cabe ao leitor estar aberto a novas interpretações e observações do que é tratado como “verdade”, pois, como lembra Maria Alzira Seixo,

Com o trabalho da História, será difícil aos estudiosos do romance português contemporâneo recusarem a efectiva presença de elementos da sensibilidade pós-moderna na nossa ficção; com efeito, esta História que é lição crítica do presente; que é correcção, ou

mesmo despudorada deturpação, dos factos assumidamente históricos; e que, quando é evocação fiel, se detém de preferência na perspectiva dos perdedores e dos vencidos, justamente daqueles dos quais em geral não reza a História, esta visão da História altera, muito mais que o passado, a própria consciência de ser presente (SEIXO, 2001, p.40).

Em relação a construção e importância das personagens na obra *Fanny Owen*, é possível constatar que, apesar de a história amorosa ter como protagonistas Fanny e José Augusto, a centralidade dos acontecimentos que ocasionaram a tragédia é ocupada quase que completamente pela personagem Camilo. Ele percorre entre os espaços do casal com bastante facilidade e sempre se faz presente nos acontecimentos principais, com falas e pensamentos em destaque. “Camilo chegou não só a consultar amigos comuns a que Fanny porventura se confiava, como a investigar junto dos próprios criados de José Augusto.” (BESSA-LUÍS, 2011, p. 236).

Essa ausência de protagonismo está presente nos outros textos desenvolvidos por Camilo Castelo Branco, em que seu papel nos acontecimentos narrados sempre é apresentado de forma velada, já que o romancista nunca dedicou uma obra exclusiva à história eminentemente romântica, mas se referiu a ela apenas em trechos específicos de suas obras. As suas várias declarações a respeito dos fatos são compostas por diferentes nuances, o que é suficiente para denunciar uma veia completamente ficcional em sua própria narrativa, sem compromisso efetivo com a verdade. Por isso, ao abordarmos a versão de Camilo Castelo Branco, é necessário questionar primeiramente a qual dessas versões estamos nos referindo:

Depois da morte de Fanny e José Augusto, começou o tempo mais fecundo do escritor. A partida dos que amamos alimenta a sede da criação. Ele não os esquecia; plantava neles as hortas e os rosais das suas produções. Nunca soube exatamente o que se passou no coração deles, e contribuiu muito para a turbulência das suas vidas. (BESSA-LUÍS, 2011, p. 278)

Por isso, é certo que a personagem principal da obra de Agustina Bessa-Luís, não é a jovem Fanny Owen. Apesar de o título homônimo sugerir que a jovem inglesa seja a protagonista, com uma observação mais atenta é possível notar que mais da metade do livro não aborda questões relacionadas a ela, mas sim à constante disputa, o relaciona à disputa amorosa e egóica entre Camilo e José

Augusto: “Todos os equívocos, contratos misteriosos, fantasias demolidoras, raivas egoístas que marcaram a passagem de Camilo e José Augusto um pelo outro significavam o combate aceso que o símbolo determina no homem.” (BESSA-LUÍS, 2011, p. 229). Na verdade, em muitos momentos, nota-se que a narrativa encontra-se totalmente relacionada a acontecimentos e pessoas concernentes a Camilo, já que conheceremos mais sobre ele do que sobre qualquer outra personagem da obra. No entanto, é inegável a sua relevância perante ao caso histórico:

Não resta dúvida de que ela era o polo libidinal de toda a intriga, e daí resulta ser tão necessária a sua presença para a irmã que, ao mesmo tempo, a odiava. Sem Fanny, os seus amores com José Augusto não subsistiam; sem Fanny, aquilo que foi uma simples afeição de boêmios, entre Camilo e José Augusto, não crescia em obsessão até desencadear ações exorbitantes, como a entrega das cartas comprometedoras. (BESSA-LUÍS, 2011, p. 272-273).

Uma passagem que exemplifica esse fato encontra-se na página 105, quando por meio de uma prolepse, os leitores são informados sobre a condenação de Camilo no processo de adultério por sua relação com Ana Plácido, em 1861, algo que ocorre posteriormente aos fatos abordados na narrativa. Outra situação que demonstra na obra a centralidade da figura de Camilo encontra-se na página 79, quando há a descrição de uma situação bastante específica sobre sua relação com uma freira chamada Isabel Cândida, na cidade do Porto:

Diferente do que combinara, [Camilo] não compareceu ao encontro com José Augusto nem lhe mandou recado. Em vez disso, foi visitar soror Isabel Cândida, no convento da Ave-Maria. Era uma senhora alta e generosa que lhe educaria a pequena Bernardina, filha que Camilo devia à Patrícia Emília, de Vila Real. As calúnias fáceis são obra dos desejos infecundos. É certo que a freira era rica, e com esse estado vencida os outros todos, o religioso e o claustral, o de mesquinha probidade e o de moral convencional pelo sequestro. Ela costumava fazer estadias nas quintas onde os morgados tinham oratório e bibliotecas, prevendo eventualidades de hóspedes com essa. Daí a extrair qualquer prova de que fosse amante de Camilo, não é ousadia, é simples telha de espreitador. (BESSA-LUÍS, 2011, p. 79)

Com isso, muitas das divisões feitas por espaços e asteriscos são dedicadas especificamente a assuntos referentes a fatos e experiências da vida de Camilo, levando o leitor a conhecer muito mais sua personagem dentro da obra.

Praticamente, quase em todas as páginas do romance, ocorre alguma menção ao nome de Camilo ou aos seus pensamentos e falas, diferentemente de Fanny, que só é citada a partir da página 61, e descrita no segundo capítulo (“O Paraíso”), a partir da página 101.

Dessa maneira, apesar de *Fanny Owen* ter sido realmente reconhecida por sua participação em um momento da vida amorosa de Camilo Castelo Branco, é importante ressaltar que em Fanny Owen, o ponto alto da obra será a força criativa da escritura de Agustina Bessa-Luís. A construção dos romances de Agustina Bessa-Luís filiam-se a linhagem do romance moderno postulada por Antonio Candido, ao referir-se ao processo de criação das personagens, em seu ensaio “A personagem do *romance*”:

Não espanta, portanto, que a personagem pareça o que há de mais vivo no romance; e que a leitura deste dependa basicamente da aceitação da verdade da personagem por parte do leitor. Tanto assim, que nós perdoamos os mais graves defeitos de enredo e de ideia aos grandes criadores de personagens. Isto nos leva ao erro, frequentemente repetido em crítica, de pensar que o essencial do romance é a personagem - como se esta pudesse existir separada das outras realidades que encarna, que ela vive, que lhe dão vida. Feita esta ressalva, todavia, pode-se dizer que é o elemento mais atuante, mais comunicativo da arte novelística moderna, como se configurou nos séculos XVIII, XIX e no começo do século XX; mas que só adquire pleno significado no contexto, e que, portanto, no fim das contas a construção estrutural é o maior responsável pela força e eficácia de um romance. (CANDIDO, 2014, p. 55)

Devido à centralidade que a personagem de Camilo apresenta na obra em estudo, automaticamente pode-se imaginar que toda a razão e verdade apresentada, levaria o leitor a ficar mais convencido sobre sua perspectiva em relação aos conflitos ligados a Camilo. Porém, é justamente a posição crítica e pouco deslumbrada da escritora Agustina Bessa-Luís com a personalidade de Camilo Castelo Branco que faz a sua narrativa se tornar tão complexa e original. Desde o início, na forma como Agustina Bessa-Luís apresenta a figura de Camilo, já é possível perceber o tom mordaz que será conduzido a narrativa, revelando os traços mais complexos e indecorosos da personagem:

Efectivamente, Camilo, por vezes, parecia criticar e pôr a ridículo os outros por mero desfastio, apenas para espantar o tédio fazendo uso

da arma que melhor manuseava – a língua portuguesa. Camilo encontrou José Augusto e não simpatizou com ele.

[...] Camilo gostava das pessoas que sabem chorar. Debaixo das bravatas irônicas e do dogma do desprezo encontram-se às vezes almas tão vulneráveis que um diabo encartado não sabe que fazer delas. Camilo não era um diabo encartado; tinha poucos anos de ciências médico-cirúrgicas, menos ainda de direito e outro tanto de teologia. Às suas relações com Deus eram mais cerimoniais do que íntimas, como aconteceu com Voltaire. Só que a sua indigestão de ceticismo se mudou com o tempo num delírio embaraçoso, porque tinha não sei quê de desemprego do coração; uma febrícula triste, de quem mata por despeito e por vingança ama. (BESSA-LUÍS, 2011, p. 19)

Em muitos momentos, pode-se notar que, por meio de frases sucintas e moralizantes, é exposto o desempenho mais cínico e perverso que Camilo reproduz diante da sociedade, de modo a revelar ou sugerir muito mais do que ele próprio desejou em suas narrativas, especialmente a respeito da sua relação entre ele, Fanny Owen e José Augusto.

3. O jogo intertextual entre as obras *No Bom Jesus do Monte* (1864) e *Fanny Owen* (1979)

Uma boa história é a que nos comunica a consciência de nossa individualidade. Todos nós somos protagonistas duma história maravilhosa, mas só o artista pode desvendar a profundidade em que ela se desenrola, trazendo à superfície a suprema aventura da individualidade humana.

Agustina Bessa-Luís

As recentes leituras críticas relativamente à História e a ficção tem se centralizado nas formas estruturais e da linguagem, principalmente em relação as suas correspondências. Nesse quesito, Hutcheon (1991) aponta que ambas “parecem ser igualmente intertextuais, desenvolvendo os textos do passado com sua própria textualidade complexa.” (HUTCHEON, 1991, p. 141). O termo intertextualidade foi utilizado por volta dos anos de 1960, pela linguista e crítica literária, Julia Kristeva, a partir de reflexões bakhtinianas relativas ao conceito de dialogismo, isto é, a pluralidade de vozes que se cruzam dentro de um determinado texto.

É certo que o diálogo e as interações entre os textos produzem novos sentidos na criação literária. Desse modo, Júlia Kristeva, desenvolvendo uma das primeiras e mais difundidas noções sobre intertextualidade, constata que “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto.” (KRISTEVA, 1969, p. 146). Assim, por meio do recurso da intertextualidade, tem-se a configuração de uma obra a partir de outras obras. Julia Kristeva explica que a palavra, meio fundamental da escrita literária, apresentam três dimensões essenciais:

Essas três dimensões são: o sujeito da escritura, o destinatário e os textos exteriores (três elementos em diálogo). O estatuto da palavra define-se, então, a) horizontalmente: a palavra no texto pertence simultaneamente ao sujeito da escritura e ao destinatário, e b) verticalmente: a palavra no texto está orientada para o corpus literário anterior ou sincrônico. (KRISTEVA, 2005, p. 67)

Apesar dos estudos referentes ao diálogo entre textos só terem sido efetivamente fundamentados a partir do século XX, com o formalismo, escola de crítica literária russa, a prática de escrita por meio de recursos intertextuais não é algo recente, pois sempre esteve presente na história da literatura. De acordo com Kristeva, “(...) o fenômeno é observável ao longo de toda a história literária” (KRISTEVA, 1974, p. 176). Além disso, para Carlos Reis, professor e ensaísta contemporâneo, “o conceito de intertextualidade estabelece-se a partir de uma concepção dinâmica do texto literário, entidade situada num vasto universo textual, funcionando como espaço de diálogo, troca e interpretação constantes de uns textos noutros textos”. (REIS, 2002, p. 185).

Outra noção para o conceito de intertextualidade foi apresentada em *A intertextualidade* (2008), por Tiphaine Samoyault, que demonstrou um tipo atual de configuração para o termo já utilizado, ao considerar que a relação entre certos textos podem ser interpretadas como a “própria memória da literatura”. (SALMOYAUULT, 2008, p.9). De acordo com a crítica literária, a intertextualidade é um fenômeno frequente a praticamente quase todos os textos e constitui-se na associação que ambos designam entre eles.

Todas as palavras abrem-se assim às palavras do outro, o outro podendo corresponder ao conjunto da literatura existente: os textos literários abrem sem cessar o diálogo da literatura com sua própria historicidade, e a noção tem todo o interesse em tornar a crítica sensível à consideração da complexa relação que a literatura estabelece entre si e o outro, entre o gênio individual singular e o aporte intertextual e não puramente psicológico do outro. (SAMOYAUULT, 2008, p. 21-22).

Dessa maneira, pode-se compreender que toda mensagem expressada compõe-se por palavras de outrem e com isso, conseqüentemente, percebe-se como Agustina Bessa-Luís desenvolve em sua carreira como escritora, uma grande preocupação com a realidade histórica na qual está inserida, além de fazer referências com a memória de seu país. Sua constante busca por inspirações à sua volta, fez com que muitas de suas obras literárias fossem caracterizadas por importantes referências intertextuais. O entendimento das referências externas à obra utilizadas na narrativa é a parte indispensável da análise:

O texto envolve, portanto, um movimento interacional, com os receptores de cada contexto histórico-social. E cada receptor, ao ativar seu repertório de leitura, interliga sentidos sedimentados culturalmente, produzindo uma dada leitura específica para o texto, resultante das relações intertextuais produzidas na própria leitura. (SAMPAIO, 2013, p. 31)

Esse exercício intertextual, próprio à escrita agustiniana, desenvolve uma recorrente citação da tradição literária, histórica e cultural, plenamente perceptível no romance *Fanny Owen* (1979), que estabelece um acentuado vínculo com algumas realizações literárias do escritor português, Camilo Castelo Branco, sobretudo com sua obra *No Bom Jesus do Monte*, de 1964. A própria autora assume: “Para escrever os diálogos tive que conhecer as circunstâncias que os inspirassem; e a história que os comporta. Assim, nasceu o livro e o escrevi.” (BESSA-LUÍS, 2011, p. 13). No entanto, o que mais chama a atenção no jogo intertextual realizado por Agustina Bessa-Luís em sua obra, é o fato de a autora não só dialogar com, mas também contestar os fatos descritos por Camilo Castelo Branco em suas narrativas.

É certo que todo texto tem seu intertexto, visto que é, em todo tempo, tecido com suporte de outro “não no sentido convencional de que trazem traços ou influências, mas no sentido mais radical de que cada palavra, frase ou segmento é um trabalho feito sobre outros escritos que antecederam ou cercaram a obra individual” (EAGLETON, 2003, p.190). A acentuada relação entre as obras é expressada através das conexões intertextuais explícitas que a escrita de Agustina Bessa-Luís desenvolve com a de Camilo Castelo Branco, resultando em uma renovação na composição interliterária de seu romance. Sobre isso, Tânia Franco Carvalhal explica:

A crença de que há nos textos literários elementos comuns que identificam sua natureza, sem que isso os uniformize, é que ampara a atuação não só da teoria literária como da literatura comparada quando ambas visam à abstração de conceitos a partir da análise textual, orientando-se para aspectos supra individuais das obras. Assumem, no caso, como finalidade última, a aproximação global da literatura, na qual cabe dar conta da complexidade de relações interliterárias e de como, por força desses processos, se estabelece a tradição. (CARVALHAL, 2003, p.125, grifo da autora.)

3.1 Os elos da intertextualidade: divergências e convergências das perspectivas

Em seu livro *No Bom Jesus do Monte*, Camilo Castelo Branco dedica o capítulo intitulado “1854”, à apresentação de sua perspectiva, interpelando com alegações a seu próprio favor, àqueles que comentavam sobre a sua intervenção nos acontecimentos vividos por José Augusto Pinto de Magalhães e Fanny Owen. O romancista só escreve e publica essa obra após nove anos da morte do casal. O narrador desenvolvido por Camilo, apresentando-se declaradamente como o próprio autor, proclama: “As dúvidas dos bons e às calúrnias dos maus que decifraram horrores no silêncio das duas sepulturas, a esses esclarece agora o homem que mais viveu na intimidade das duas almas.” (CASTELO BRANCO, s/d, p. 94).

Nesse contexto póstumo, o próprio romancista admite: “O meu nome serviu de calúnia, quando se requeria um terceiro personagem para o romance architectado com sangue e lodo” (p.69) e, por isso, fez-se necessário para ele, apresentar sua versão escrita da história e defender sua inocência diante de alguns pontos importantes das informações que foram julgadas pela sociedade da época e que resultaram em diversas teceduras.

Eu deixei passar a detracção senhoril, e o vozear da gentalha ajoujada à carroça, esmagadora de mais generosos peitos, e mais sagrado jus que o meu à estima dos detraidores. Agora é tempo. Poderia diferir para mais tarde, se eu contasse com a vida. Obedeço ao presságio que ma está abalizando por pouco a para pouco. Da região escura vem bater-me na fronte uma aragem fria. Temo que se faça inverno e noite álgida em minha alma. Estes derradeiros calores de espírito devo-os à dívida de coração e de honra. (CASTELO BRANCO, s/d, p. 69)

Apesar de Agustina Bessa-Luís já identificar logo em seu prefácio o jogo intertextual que a sua escrita faz com outras obras de Camilo Castelo Branco, essa informação pode passar despercebida por aqueles que não souberem identificar as obras referidas. O conhecimento, por parte do leitor, do recurso intertextual estabelecido pelo autor, é de suma importância para seu efetivo efeito. Essa constatação torna-se bastante evidente no momento em que Camilo Castelo Branco diferencia a forma como seu texto se apresentará, a partir da diferença entre os leitores de sua obra:

Um leitor pergunta-me quem era Fanny Owen e José Augusto Pinto de Magalhães. Outro, lendo estes nomes, recorda um caso infausto, mas negro, negro todo ele da negridão do mistério, selado por duas sepulturas, uma no cemitério da Lapa, no Porto, outra no Alto de S. João, em Lisboa. A pergunta do primeiro responderei nas páginas que aí vem escritas com a verdade de uma consciência aberta diante dos homens e diante de Deus. Às dúvidas dos bons, e às calúnias dos maus que decifraram horrores no silêncio das duas sepulturas, a esses esclarece agora o homem que mais viveu na intimidade das duas almas. (CASTELO BRANCO, s/d, p. 68 – 69)

É notório que há, no romance de Agustina Bessa-Luís, uma ficcionalização de aspectos biográficos de Camilo Castelo Branco ao explorar os relatos das personagens procurando perceber a atmosfera cultural que os envolvia. É certo que a autora remodela vários elementos da história narrada pela escrita camiliana nas obras, *Duas Horas de Leitura* e *No Bom Jesus do Monte*. Uma profunda tristeza sentida pela falta de reciprocidade de sentimentos, a solidão por conta de uma suposta traição e no fim, o suposto suicídio, causado pelo grande sentimento de culpa e remorso, na tentativa de cerrar a dor e resgatar a dignidade são algumas das conformações mais importantes abordadas na obra. Dessa forma, a investigação de aspectos da complexa mecânica das relações humanas fica evidente na formação da narrativa agustiniana:

Camilo já conhecia bem aquela sociedade (...) A vida de província era acidentada pela luta mesquinha das opiniões, a intolerância das tendências, a proibição dos afetos; tudo amparado pela fisionomia das paixões, infames porque não contribuíam senão para iludir o tempo e esquecer a morte. (BESSA-LUÍS, 2011, p. 49)

A narrativa/notícia histórica sobre a relação vivida entre José Augusto, Fanny Owen e Camilo Castelo Branco já foi citada em diversos momentos da literatura portuguesa, como Isabel Allegro de Magalhães especifica em seu ensaio “Camilo sob o Olhar de Agustina: Entre a História e a Ficção” (1995).¹⁸ Dessa forma, torna-se evidente o fato de Agustina Bessa-Luís não querer ficar de fora dessa lista de

¹⁸ - Antônio Cabral. *Camilo Desconhecido* (Lisboa: Livraria Ferreira, 1918); *Os amores, os ciúmes e a Graça de Camilo* (Lisboa: Tipografia da ENP, 1939); *Camilo de Perfil* (Lisboa).

- Aquilino Ribeiro. *O Romance de Camilo*, 2 vols. (Lisboa: Livraria Bertrand, s. d. [1961], II vol., p. 150-198; *O Drama Estranho de Fanny Owen e Camilo* (Lisboa: Ed. Enciclopédia, Lds., s.d.), p. 5-124.

- Visconde de Vila Moura. *Fanny Owen e Camillo*, (in *A Águia*, vol. XI, Jan-Mar 1917, p. 5-26).

Há ainda breve referência nas seguintes obras literárias: *O Penitente*, de Teixeira de Pascoaes, *O Cerco do Porto*, de Raul Brandão, *O Romance e o Romancista* e *Amores de Camilo*, de Alberto Pimentel.

escritores que abordaram o controverso episódio em suas narrativas. Por *Fanny Owen*, diferente de outras obras produzidas pela autora, ser um livro que demandou extremo conhecimento e identificação das conjunturas e contextos da época, entre os anos de 1849 a 1854, em Portugal, Agustina Bessa Luís reconhece a necessidade de, por meio de um prefácio, confessar que utilizou recursos intertextuais, mais precisamente o método de “colagem” das obras escritas por Camilo Castelo Branco e de outros manuscritos pessoais, para que todos os diálogos do romance fossem, de fato, autênticos:

Pareceu-me necessário e útil trazer Camilo Castelo Branco à luz da nossa experiência humana sem o traduzir na opinião de escritor que é minha. Por isso usei a colagem, e quase todas as suas falas são as autênticas, que ele escreveu, em novelas, em dispersos e nas folhas em que anotava seus pensamentos. Também muitas palavras de Fanny e de José Augusto se podem entender como ouvidas diretamente da boca dos próprios em suas vidas. Em parte, porque as deixaram assim escritas nos diários íntimos; e também porque Camilo as fixou nos livros em que eles pousaram como personagens, ainda carregados da memória apaixonada que imortaliza tudo aquilo em que ela toca. (BESSA-LUÍS, 2011, p. 13)

A reconstrução de uma narrativa sob uma nova perspectiva por meio de um narrador onisciente, colabora para um desdobramento de diversificados conhecimentos estabelecidos previamente pela autora. Agustina Bessa-Luís, constrói uma visão muito crítica e ousada sobre os fatos verídicos, colaborando para a formação de uma literatura portuguesa contemporânea que intenciona o fictício a partir do existente:

A História é uma ficção controlada. A verdade é coisa muito diferente e jaz encoberta debaixo dos véus da razão prática e da férrea mão da angústia humana. Investigar a História ou os céus obscuros não se compadece com susceptibilidades. Que temos nós a perder? A personalidade não existe, mas sim efeitos que a desenham como os efeitos da luz sobre os corpos. Por isso não causamos danos no carácter dos povos quando aventuramos paixões e factos que, no fundo, são a projecção do mais humilde dos cabaneiros e zagalos. (BESSA-LUÍS, 1983, p. 207).

A autora portuguesa contemporânea consegue resgatar, transfigurando-a, uma história legítima, de forma convicta e audaciosa, ao tocar em um dos pontos polêmicos da vida do romancista que ela própria tanto admira, como também, toda a

sua nação. Agustina Bessa-Luís emprega mecanismos bastante específicos do romance histórico e do romance português contemporâneo, em particular os recursos intertextuais, além da contravenção da História e da ficção, e da construção de personagens com a finalidade de expressar suas concepções e perspectivas a respeito do passado.

Dessa maneira, a História praticamente se adequa à primordialidade de sua escrita, concedendo aos leitores do romance a possibilidade de deduzir variadas conclusões a partir de sua própria interpretação a respeito das narrativas do seu tempo e àquelas anteriores à sua. De acordo com Arnaldo Franco Júnior, em *Operadores de leitura narrativa*,

Na narrativa literária, tais detalhes ganham relevância exatamente porque intensificam tanto a dramaticidade do conflito como o grau de ambiguidade que caracteriza a história narrada – o que faz com que o texto tenha maior abertura no que se refere às suas possibilidades de interpretação pelo leitor. (FRANCO JUNIOR, 2003, p. 35)

Por *Fanny Owen* ser uma narrativa repleta de frustração amorosa, ao longo da escrita, Agustina Bessa-Luís empenha-se em resgatar determinados traços do romantismo português ao qual admira e em que Camilo Castelo Branco está inserido. O texto da autora contemporânea é caudaloso, com uma intensa capacidade de digressão. Além disso, é repleto de especificidades, o que revela o seu gosto pelo pormenor. Um dos exemplos disso encontra-se na maneira deformante como as personagens de Camilo e José Augusto são caracterizadas: um tem bexigas (varíola, nos dias de hoje) e o outro, os olhos excessivamente juntos, o que sugere que ambos são provincianos.

Na intertextualidade tem-se “[...] uma das formas pós-modernas de incorporar literalmente o passado textualizado no texto do presente [...]” (HUTCHEON, 1991, p.156). Por outro lado, a verossimilhança elaborada por Agustina Bessa-Luís através dos acontecimentos verídicos relacionados ao caso, não garantem que sua escrita esteja relacionada com aquilo que muitos de seus leitores desejam e esperam, isto é, saber o que de fato é verdade e o que de fato é ficção dentro do controverso episódio amoroso. Sobre essa questão abordada, o escritor e crítico literário francês, Antoine Compagnon, na obra *O demônio da teoria* declara:

[a] referência não tem realidade: o que se chama de real não é senão um código. A finalidade da mimesis não é mais a de produzir uma ilusão do mundo real, mas uma ilusão do discurso verdadeiro sobre o mundo real. O realismo é, pois, a ilusão produzida pela intertextualidade [...]. (COMPAGNON, 2001, p.110)

Apesar de Camilo Castelo Branco não deixar totalmente transparente o seu sentimento em relação à sua participação na história entre José Augusto e Fanny, é possível observar que em alguns momentos ele demonstra incômodo diante de sua narração aos acontecimentos. Para Bessa-Luís, “o delírio melancólico tomava conta dele, perseguia-o um atroz sentimento de indignidade.” (BESSA-LUÍS, 2011, p. 266). Além disso, em Fanny Owen, a narrativa de Agustina Bessa-Luís evidencia os sentimentos verdadeiros mas ocultos de Camilo em relação à jovem moça: Camilo olhava para ela com um encantamento que se parecia com desesperação. O meu dever é amar esta rapariga. (...) Camilo ouvia as histórias de Dona Rita, cujo único interesse era o que relacionava com Fanny. (BESSA-LUÍS, 2011, p. 110-111).

Como já visto, o jogo intertextual produzido pela obra de Agustina Bessa-Luís com a narrativa de Camilo Castelo Branco, mais do que utilizar-se de referências, confronta a versão dos fatos manifestada pelo romancista. O narrador da obra de Agustina demonstra que a personagem de Camilo não foi uma mera testemunha dos acontecimentos passados, assim como ele procurar verificar e manipular para si, mas sim, um participante efetivo da própria história e de todos os acontecimentos que colaboraram para que a narrativa findasse como uma tragédia.

Como ignorar as relações intertextuais que este discurso convoca? Convocação de universos literários outros, mas, sobretudo, convocação do seu próprio universo ficcional. Como não reconhecer neste discurso a maneira e a matéria genuinamente camilianas? Um mundo onde se confundem o real e a ficção, instaurando um espaço de ambiguidade (em si mesmo profundamente literário) onde se diluem as fronteiras ou, talvez melhor, se subvertem os limites, alagando de imaginação a vida e escorando na vida a imaginação – um tema, direi mesmo o grande tema, que ressoa em toda a obra de Camilo. (HERDEIRO, 1985, p. 44)

Diferente do que acontece na narrativa de *Duas Horas de Leitura*, em *No Bom Jesus do Monte*, o narrador de Camilo Castelo Branco descreve e apresenta Fanny Owen com todas as letras, sem nenhuma omissão: “Fanny, em nome de sua mãe, escreveu-me, convidando-me a ir justificar o meu esquecimento de uma família que

me recebia o melhor que podiam pessoas amigas.” (CASTELO BRANCO, s/d, p. 80). Na verdade, demonstra mais do que qualquer um, determinada familiaridade e conhecimento sobre a jovem. Desse modo, além de fazer referência direta à jovem, o romancista descreve com intimidade suas observações a respeito dela:

Fanny lia nas pétalas das suas flores, ajoelhava ao pé do canteiro a esteiar a tige da tulipa ou da anémoma descaída pelo vento da madrugada. Cingia-se com o muro a entrançar os jasmims com as madre-silvas, as baunilhas com os maracujás. Carpia o desbotar e fernecer do Jacinto; mas alegrava-se com o fastoso desabrochar da peônia. Se a mãe ou irmã lhe cortavam uma flor, Fanny escondia-se para chorar: confessava-o; mas não queria que lhe vissem as lágrimas. Eu passava à beira dos seus tableiros floridos com respeito igual ao dos israelitas ao lado da Arca da lei. Pedia-lhe vénia para aspirar o aroma dum cravo, cruzando os braços sobre o peito, em prova da minha limpeza de mãos. Fanny sorria; mas Deus sabe que ela aceitava contente semelhante reverência à inviolabilidade das suas açucenas. Dizia ela: - “quem sabe tocar dignamente as flores são as borboletas” - O meditativo Hervey foi menos sensível às galas da natureza. Ela falava de flores como naturalista religioso: Fanny era, neste seu amor, uma criança cheia de poesia. (CASTELO BRANCO, s/d, p. 79-80)

O romance de Agustina Bessa-Luís, *Fanny Owen*, e a obra *No Bom Jesus do Monte*, de Camilo Castelo Branco são obras que tratam claramente sobre paixões convencionais, seguidas das várias consequências a elas relacionadas. Torna-se evidente que os enredos construídos por Castelo Branco e Bessa-Luís exploram a ligação intensa vivida por Camilo e José Augusto de Magalhães, sendo a figura de Fanny apenas uma justificativa palpável para o dualismo de amor e ódio estabelecido entre ambos. A conclusão sobre a proximidade de Camilo com Fanny, fica totalmente explicada pela sua fixação e rivalidade a tudo que estava relacionado à figura de seu amigo.

Há em Camilo um movimento de inveja que é o que verdadeiramente se opõe à constância da amizade com José Augusto. Lutou com o reconhecimento em cuja dependência ficou, como um laçao barulhento e ávido. Os defeitos de José Augusto são do temperamento e não do sentimento. Ele sabia que o sentimento não é objeto de transação, que não se endivida, que não faz escravos. Camilo foi seu escravo, porque empenhou o seu gênio em submeter valores que muito o seduziam; e até a vida de Fanny foi sacrificada no mísero campo do amor-próprio, tão semelhante à paixão mais rara. (BESSA-LUÍS, 2011, p. 271-272)

Na escrita camiliana, as personagens de José Augusto e Fanny são descritas, essencialmente, por meio subjetivo e parcial, sob os olhos do narrador autodiegético de Camilo. Trata-se, então, de incluir o ponto de vista desta personagem, e nunca a de Fanny, providenciando essa anulação de personalidade. Ao longo das obras, ficam evidentes os ciúmes de Camilo pela jovem moça. Mesmo nunca admitindo tais ciúmes, é possível percebê-los, por exemplo, na cena do baile no Porto quando é a personagem de Camilo que primeiramente repara na presença de Fanny: “Esta mulher ama alguém.” (BESSA-LUÍS, 2011, p. 44).

A complexa relação de amizade entre Camilo e José Augusto é pouco evidenciada pelo escritor português em *No Bom Jesus do Monte*, diferentemente do que acontece em *Fanny Owen*. As opiniões de Camilo sobre seu amigo são reveladas sempre de forma abrandada: “José Augusto era um moço de temperamento funesto para si, e funesto para as pessoas que, mais ou menos, se aliassem com sua alma, por liames de amor, ou ainda de simples estima.” (CASTELO BRANCO, s/d, p. 70). O narrador de Bessa-Luís expõe com toda nitidez as impressões negativas da personagem:

Camilo não gostava mesmo de José Augusto. Pensara mesmo destruir-lhe a reputação espalhando que ele estava insolvente. Mas não o fez. Porquê? José Augusto era indispensável. Um dia Camilo havia de dizer: Que salvei eu desse opulento tesouro das afeições?.. É teu nome, amigo... E acrescentou outros versos tão dolorosos que não era possível lê-los sem que o coração parasse um momento, no medo de perturbar com o sentimento as renúncias que ao sentimento são precisas. Aliança de extremos, chamou Camilo à sua estranha relação com José Augusto. Houve uma época, essa em que viveu em Vilar do Paraíso, que Camilo dedicou à análise minuciosa do carácter do seu amigo. Todos os dias observava e anotava por escrito as particularidades daquele rapaz sem vícios e sem virtudes. Concluía sempre a mesma coisa: não era interessante pelo espírito, nem muito sensível à qualidade das pessoas. (BESSA-LUÍS, 2011, p. 116)

Desse modo, apesar dos contrastes referentes aos sentimentos e descrições realizados pela personagem de Camilo em *Fanny Owen*, percebe-se que mesmo Fanny conseguindo produzir uma relação mais íntima com ele, o que de fato acontece é mais uma batalha de egos entre José Augusto e Camilo: “Camilo não só não mostrava nenhum interesse pela escolha de José Augusto, como até parecia achá-la um pouco ridícula.” (BESSA-LUÍS, 2011, p. 124). Inicialmente, o primeiro

nem mesmo gostava da própria Fanny, e sim de sua irmã mais velha, Maria, e o segundo só começa a interessar-se pela jovem para estabelecer aquilo que seu amigo mais desejava:

Era como um jogo perfeito, sonoro, insensato e invulnerável, essa escrita produzida como por um anjo cego, cujos valores não fossem equiparados aos humanos. De resto, em Fanny havia algo de suspeito e abominável no sentido de que escapava a qualquer margem da realidade. A sua beleza, por exemplo, não despertava desejo, como a de Maria, mas sim um certo susto e temor do privilégio envolvido na própria noção de beleza. José Augusto pensava algumas vezes que ela não lhe interessava como mulher; e no entanto, sentia um ciúme descontrolado se Camilo a abordava e tinha para com ela uma atitude familiar. (BESSA-LUÍS, 2011, p. 119)

Em *No Bom Jesus do Monte*, assim como em *Fanny Owen*, a narrativa inicia-se a partir de quando Camilo e José Augusto se conhecem em Coimbra. De acordo com a narrativa de Agustina Bessa-Luís, “Camilo encontrou José Augusto e não simpatizou com ele.” (BESSA-LUÍS, 2011, p. 19). Porém, o narrador autodiegético de Camilo Castelo Branco não aponta esse detalhe em sua narrativa. Posteriormente, os dois, já amigos, estreitam o vínculo de amizade, e só então, num dia de passeio a cavalo, “em 1850, a meia légua do Porto, caminho de Ovar” (CASTELO BRANCO, s/d, p. 71), José Augusto apresenta ao companheiro, o local onde a família de Fanny residia, referido como “Paraíso”.

O primeiro encontro oficial entre os homens e as Owen (Fanny, Maria, sua irmã mais velha e D. Maria Rita, a mãe de ambas) acontece em um baile no Porto, mas Camilo Castelo Branco pouco explora esse acontecimento em sua narrativa, diferente do que acontece no romance agustiniano em que várias páginas pormenorizam os acontecimentos dessa noite importante. “Camilo sentiu-se estúpido por sofrer, antes mesmo de adivinhar aquela mulher. Enquanto José Augusto falava com Maria e atendia a conversa de dona Rita, criou-se uma espécie de pacto entre Camilo e Fanny. (BESSA-LUÍS, 2011, p. 62).

Conquistar a intimidade de Fanny era, para Camilo, a forma mais fácil de afetar o gênio de José Augusto, um fidalgo que tinha o amor das mulheres com maior facilidade que Camilo. Mais uma vez, percebe-se que a questão do triângulo sentimental vivido entre as personagens, servia apenas de cortina de fumaça para desfocar a relação muito mais forte vivida por ambos os amigos. “Todos os

equívocos, contratos misteriosos, fantasias demolidoras, raivas egoístas que marcaram a passagem de Camilo e José Augusto um pelo outro significavam o combate aceso que o símbolo determina no homem.” (BESSA-LUÍS, 2011, p. 229). Agustina Bessa-Luís aborda da seguinte maneira ao evento trágico que serviu de objeto para seu próprio romance:

Trata-se de uma situação que era perfeitamente clara: dois homens que são completamente um do outro. E aqueles dois homens. Que mutuamente se invejam e se fascinam, são distraídos, involuntária e obstinadamente pela mulher. A mulher interfere naquelas duas vidas, um pouco pela inveja que ela sente porque há qualquer coisa de que ela é excluída, há um sentimento profundamente viril de compensação de duas personalidades, que não tem nada que ver com uma mulher. Mas simplesmente ela não tolera isso, ela interfere, com o sentimento de poder, não é um amor, ela é voluntária do poder que não suporta aquele estado de uma certa completude, que a rejeita. E então ela intervém e dá-se o desastre. Depois, passa tudo a ser caótico, em busca da vulgar estabilidade que não acontece. (BESSA-LUÍS, 1986, p. 54)

Ao analisar as duas versões da relação entre as três personagens apresentadas, são perceptíveis algumas divergências entre as narrativas. A mais evidente resulta da perspectiva adotada na obra de Camilo Castelo Branco e no romance de Agustina Bessa Luís sobre a participação de Camilo nos acontecimentos trágicos relacionados a José Augusto e Fanny Owen. Em *No Bom Jesus do Monte*, Camilo Castelo Branco relata que Fanny escrevia cartas a um homem espanhol chamado Fuentes: “Dizia-se que um espanhol, residente no Pôrto, possuía cartas de galanteio de Fanny Owen, escritas no tempo em que recebia o cortejo de José Augusto.” (CASTELO BRANCO, s/d, p.93), uma versão diferente da comentada pela sociedade da época e proposta em *Fanny Owen*:

Corria pela cidade que Fanny Owen escrevera cartas comprometedoras a um misterioso espanhol que ninguém podia localizar. Era uma figura de recurso que Camilo inventara para iludir as suspeitas que caíam sobre ele; com esse faro infalível para a verdade, que atinge sempre, ainda que a faça atravessar as forcas caudinas do lugar comum, o povo atribuía a Camilo o papel mefistofélico. E chegava a acusá-lo como instigador do rapto. No seu delírio entre a defensiva e a desilusão, Camilo fizera surgir esse espanhol, fruto da imaginação que um dia se vira estimulada por aquele general imberbe dos seus tempos de patuleia. (BESSA-LUÍS, 2011, p.226)

A participação de Camilo no episódio das cartas é apresentada com um recurso sórdido de Camilo para não assumir sua convivência com Fanny, que lhe confiava seus sentimentos. Em *No Bom Jesus do Monte*, ele justifica essa questão afirmando que procura o tal espanhol, lê as missivas e em seguida, entregava-as para um amigo, que as confia a José Augusto. Desse modo, segundo o romancista, sua atuação nessa circunstância é a de simples mediador dos envolvidos. “Estremeci pela sorte de ambos quando tal soube. Eu tinha desvendado um recanto da alma ininteligível do meu pobre amigo. Era um doente que, submetido à terapêutica das paixões comuns, morreria sem remédio.” (CASTELO BRANCO, s/d, p. 94). Porém, em *Fanny Owen*, Agustina Bessa-Luís compõe uma narrativa em que Fanny escrevia seus desabafos diretamente à Camilo, o que explica similarmente o seu profundo conhecimento sobre as palavras da jovem:

Às oito horas Marcelino de Matos levou-lhe um embrulho pequeno e lacrado. Entregou-lhe com uma vénia breve e desapareceu bastante apressado. José Augusto viu um cartão, era de Camilo. Leu «Não são ações dos caminhos de ferro, que essas não estão ainda no catálogo das utopias. São uma literatice para preencheres a tua lua de mel.» José Augusto rompeu o lacre; eram cartas de Fanny para Camilo. (...) A sua cólera não prendia com Camilo, deixava-o completamente fora da sua enorme angústia. Era Fanny quem ele acusava, com uma exaltação misturada de prazer. A sua humildade provocava-o; e agora que tinha nas mãos uma prova da sua efêmera alma, isso tomava as proporções dum crime. Eram cartas modestas, na confidencia e no estilo. Ela queixava-se de não encontrar quem a compreendesse; e havia nisso uma doce melancolia que representa sobretudo a memória onde fermentam as paixões. José Augusto percebeu isso.” (BESSA-LUÍS, 2011, p. 218-219).

A personagem de Camilo criada na obra de Agustina Bessa-Luís é diferente daquela apresentada na versão camiliana, que em muitos momentos é ambivalente: apresenta-se como alguém bondoso, extremamente inteligente, sensível e emotivo mas, ao mesmo tempo, muito invejoso, egocêntrico, irônico, desleal e ingrato. Os leitores mais assíduos de Camilo Castelo Branco conhecem a complexidade da personalidade do autor, com múltiplas facetas capaz de posicionamentos de grande generosidade e de atos de enorme malevolência.

Em *No Bom Jesus do Monte*, o leitor depara-se com um Camilo inofensivo e decoroso, incapaz de agir com más intenções para qualquer um ao seu redor, principalmente seus amigos. Mas em *Fanny Owen*, a figura de Camilo já não é tão

inocente e adquire uma grande capacidade de agir por impulso e por ciúmes, na tentativa de interromper a relação iniciada entre José Augusto e Fanny, e até mesmo dificultar a possibilidade de um casamento entre eles:

Ela pensou em Camilo, que a tinha ido ver uma vez, já estremeçadas as relações com José Augusto. Fanny deixara de lhe escrever, e ele apareceu uma tarde, muito transtornado. O rosto crivado e amarelento tinha um brilho pastoso de suor. Ela, não soube como ele a foi encontrar na estufa, no meio daquele clarão verde que os vidros refletiam. Num tanque pequeno nadavam dois peixes vermelhos. Camilo ficou à entrada. Não havia lugar senão para Fanny, com o seu roupão de tarlatana. Muito amplo, em que se enredavam as aspidistras. Camilo disse-lhe, sem preâmbulos:

- Ele vai matá-la, Fanny. O vosso amor é feito de coisas que não vos pertecem. E feito com o meu desejo, a minha alegria, o meu sofrimento. Eu dei-vos uma alma e, com ela, tudo do que uma alma é capaz. Eu posso embrulhar essa alma na minha sombra e levá-la comigo. E vocês, depois? (BESSA-LUÍS, 2011, p. 185-186)

O que se destaca na narrativa de Agustina Bessa-Luís é a representação dos aspectos imperfeitos de Camilo Castelo Branco e não suas qualidades: “E Camilo era um simples insurreto, com lama até aos ossos e dois livros de gramática em vez de pulmões.” (BESSA-LUÍS, 2011, p. 31). O vasto conhecimento que Agustina Bessa-Luís acumula sobre Camilo Castelo Branco, permite ao seu narrador heterodiegético criar nuances que o próprio autor, na função de criar um narrador homodiegético para redigir páginas “escritas com a verdade de uma consciência aberta diante dos homens e diante de Deus” (CASTELO BRANCO, s/d, p.69), certamente não veicularia sobre si mesmo. Apesar do fascínio pelo escritor português, sua expressão literária como escritora é a de alguém que não se deixa convencer pelas confissões em suas narrativas, principalmente pelas apresentadas em “*No Bom Jesus do Monte*”:

Não vamos acreditar piamente no que Camilo conta depois da tragédia consumada. Nessa altura ele queria sobretudo descarregar de cima dos ombros uma boa parte de calúnia que acabara por merecer. O seu furor era ainda tão vivo contra José Augusto – que Fanny pudera finalmente arrastar com ela fixando o símbolo pela própria morte –, que não hesitou em deixar no ar a suspeita da sua impotência ou até insipidez no que toca a mulheres. (BESSA-LUÍS, 2011, p. 230).

Agustina Bessa-Luís molda o seu Camilo com retalhos das obras, o que acaba por produzir um efeito complexo, que pode se confundir com a personalidade do escritor português. Porém, o leitor deve-se atentar para o fato de que trata-se de uma personagem de Agustina. O que ela narra talvez diga muito sobre Camilo, mas no domínio da literatura que, sem compromisso com a verdade, torna-se imensamente verdadeira. O mesmo ocorre com uma obra que se pretende verdadeira, como costumam ser as autobiografias e diários, mas manipulam os fatos, destituindo-os de aspectos indesejáveis.

Enquanto Camilo, narrador e personagem de *No Bom Jesus do Monte*, os camufla com muito espírito autocomplacente, o narrador de *Fanny Owen* os cria com espírito severo. São dois narradores apaixonantes, com uma grande vantagem para a obra de Agustina Bessa-Luís, que escolheu a posição heterogêtica para compor seu narrador e apresentar a personagem Camilo sob uma ótica desnudadora, a que o narrador homodiegético de *No Bom Jesus do Monte* se subtraiu. “Às vezes, duvida-se dum crime e desonra-se a virtude – comentava Camilo. Tinhas razão; mas também tinha mau caráter, o que o tornava enfermo de opinião.” (BESSA-LUÍS, 2011, p. 34).

Dessa maneira, é necessário reconhecer que o romance de Agustina Bessa-Luís por meio de um narrador heterodiegético, compõe um panorama dos fatos para além da versão narrada pelo narrador camiliano em suas obras. Por intermédio daquela voz narrativa, que em muitos momentos manifesta-se de modo reflexivo, assumindo, dessa forma, uma posição abrangente em que ora narra os fatos, ora expõe sua opinião sobre as personagens e certas situações, percebemos uma subversão pela paródia dos modelos românticos intimados na obra, resultando nas inferências da veracidade ou falsidade das várias versões da história dos amores em questão. Isabel Pires de Lima explica no prefácio de *Fanny Owen*, que

O narrador, também ele manipulador, subverterá pela paródia os modelos românticos convocados e implicará o leitor na indagação da veracidade/falsidade das várias versões da história daqueles amores. Problematiza-se a realidade, a versão romântica da realidade representada pelos vários textos (inclusive os de Camilo) e a versão do próprio texto em construção. Resta, por fim, para o leitor uma história aberta a novas indagações da verdade, a novas especulações interpretativas. (LIMA, 2011, p. 11)

Ainda que haja a apresentação de características pessoais da escritora na obra, segundo Gérard Genette, importante crítico literário e teórico da literatura, “não se confundirá o carácter extradiegético com a existência histórica real, nem o carácter [intra] diegético (ou mesmo metadieгésico) com a ficção.” (GENETTE, 1972, p. 229). Em outras palavras, não se deve confundir o autor empírico com narrador extradiegético e, por isso, mesmo que em muitos momentos haja percepções relacionadas às opiniões manifestadas por Agustina Bessa-Luís em outros contextos, em tempo nenhum pode-se associar uma coisa com a outra. A própria autora confirma, em seu prefácio: “Pareceu-me necessário e útil trazer Camilo Castelo Branco à luz da nossa experiência humana sem o traduzir na opinião de escritor que é minha.” (BESSA-LUÍS, 2011, p. 13).

Um ponto a mais a se observar na obra *Fanny Owen* é a sagacidade do narrador que desempenha um papel fundamental dentro de um romance. Como se sabe, é ele que determina o papel do leitor na composição literária, agindo como sujeito ficcional na capacidade de exercer um poder sobre a atuação da personagem. Inclusive, a sua visão das personagens, suas opiniões e ironias determinarão as interpretações dos leitores na obra, não podendo ser confundidas com as da própria autora, conforme Reis e Lopes afirmam:

A definição do conceito de narrador deve partir da distinção inequívoca relativamente ao conceito de autor, entidade não raro suscetível de ser confundida com aquele, mas realmente dotada de diferente estatuto ontológico e funcional. Se o autor corresponde a uma entidade real e empírica, o narrador será entendido fundamentalmente como autor textual, entidade fictícia a quem, no cenário da ficção, cabe a tarefa de enunciar o discurso, como protagonista da comunicação narrativa. (REIS, LOPES, 1988, p. 61)

Percebendo o foco narrativo como um ponto de vista, ou seja, a perspectiva em que o narrador se coloca para narrar os fatos ao leitor, pode-se identificar, de acordo com a tipologia de Friedman (2002) que em *Fanny Owen*, há a presença de um narrador onisciente intruso, ou seja, aquele narrador também conhecido como onipresente e que tem a liberdade de narrar à sua maneira, mas interfere na narrativa, além de ter como característica o fato de dar opiniões próprias sobre a história. Apesar de ser necessário distinguir autor de narrador, toda obra carrega traços inerentes aos seus respectivos autores, pois há uma mescla de suas próprias

opiniões, experiências vividas e referências culturais e políticas, com o mundo paralelo da narrativa produzida:

Mesmo reconhecendo-se a sua especificidade ontológica, importa não esquecer que o narrador é, de fato, uma invenção do autor; responsável, de um ponto de vista genético, pelo narrador, o autor pode projetar sobre ele certas atitudes ideológicas, éticas, culturais, etc., que perfilha, o que não quer dizer que o faça de forma direta e linear, mas eventualmente cultivando estratégias ajustadas à representação artística dessas atitudes: ironia, aproximação parcial, construção de um alter ego etc.”(REIS, LOPES, 1988, p.62)

Não são poucos os momentos na narrativa de *Fanny Owen*, em que o narrador agustiniano declara a sua convicção sobre a motivação culposa de Camilo diante da suposta posição de amigo e amante na situação. “José Augusto não era já um homem vulgar, embora às vezes Camilo se empenhe em manchar a sua memória com toda a espécie de insinuações desrespeitosas.” (BESSA-LUÍS, 2011, p. 232). Além disso, ao longo da leitura, percebe-se que a atuação acessória de Fanny Owen dentro do triângulo amoroso entre ela e os dois homens, fica cada vez mais evidente, ao ponto que o conhecimento aprofunda-se sobre os desígnios de José Augusto, mas principalmente de Camilo, em relação à idealização da personagem feminina.

Ao atribuir-se, neste caso dramático, a culpa a Camilo, não se estava longe da verdade. Sem a sua assiduidade junto de José Augusto, que estava imobilizado e sem determinação pela sua escolha do estado estético, nunca se teria dado a confrontação entre a vida física e vida moral. Nem Fanny teria assumido a natureza do símbolo – realidade psicológica extremamente excitante e capaz de anular a exigência da realidade física. Entre os dois homens não podia deixar de travar-se uma luta cujo interesse estava na eficácia das relações assim obtidas. Fanny ligava prodigiosamente a oposição real-irreal em que a vida dos homens decorre. Para além da sua condição biológica, a mulher elevou-se a essa missão de conciliadora dos opostos, pela produção do símbolo. Produção inefável que não depende das faculdades do indivíduo, mas que se deve a uma determinada ingerência do pathos social no que se refere às apocalípticas libertações do inconsciente. (BESSA-LUÍS, 2011, p. 131-132).

Uma característica bastante marcante dentro da obra *Fanny Owen* é justamente a idealização da figura feminina. No romance, a figura de Fanny é tida

como sensível e ao mesmo tempo assustadora, "no sentido de que escapava a qualquer margem da realidade" (BESSA-LUÍS, 2011, p. 88). Pode-se perceber que a complexidade da personagem de Fanny, corporiza o estereótipo romântico, próprio do contexto camiliano, da mulher que ao mesmo tempo consegue ser angelical, "virgem prudente, de amor tão casto quanto suspenso pela terna obrigação de amar a imagem de si própria nos outros" (BESSA-LUÍS, 2011, p. 81) passa a ser também em certo momento, demoníaca e com uma força de atração irresistível que desperta paixões devastadoras, sendo uma espécie de símbolo erótico, vazia de alma e manipulada pelo dois pretendentes, enquanto veículo de desejo, de domínio e de paixão, como "pólo libidinal de toda a intriga" (BESSA-LUÍS, 2011, p. 273).

Não era Maria que estava a despertar neles uma espécie de obcecada ilusão. Era Fanny, a mais sozinha das mulheres e por isso a mais irresistível. Ela podia fazer tudo deles – matá-los era o mais natural que fizesse. Fanny! Não tinha imaginação nem era capaz de idealizar a felicidade de um homem. Ela subsistia sem qualquer realidade visível ou invisível; e por isso era perigosa. Era Fanny quem acabaria por arrebatá-lo José Augusto, sem artifícios mas com um estilo de máscara, uma hipocrisia inconsciente. (BESSA-LUÍS, 2011, p. 96-97).

Em *No Bom Jesus do Monte*, Camilo Castelo Branco dedica várias páginas de seu capítulo "1854" para transcrever o poema dedicado a jovem Fanny. Nesse poema, a imagem de Fanny é a de uma moça inocente, sensível e totalmente frágil diante de todos. Esse é o único momento em que Camilo Castelo Branco demonstra a influência que a jovem exerceu sobre sua vida de escritor, porém, de uma maneira que não está totalmente explícita, mas que pode ser entendida nas entrelinhas.

Mais que isso, o que Camilo Castelo Branco faz questão de deixar transparecer é o fato de a dedicatória desse poema, acender o ânimo e o espírito de José Augusto. Esse ponto, deixa evidente que a sua preocupação maior concentrava-se mais no impacto que o poema poderia exercer sobre o amigo do que propriamente dedicá-lo a Fanny Owen. O poema, sem título, demonstra a excelente vocação e habilidade que o escritor tinha com as palavras, a ponto de confessar que "a inocente oferta duns versos inocentíssimos anuveou-lhe [José Augusto] o semblante." (CASTELO BRANCO, s/d, p. 77-78):

Bem vejo a geração nova, que passa,
 Num vágado fremir.
 A louca ri de si, ri da desgraça,
 E morre, ébria, a sorrir.

Ê-lhe a vida uma orgia: folga hoje,
 'Manhã mais folgará.
 Ao gozo de hoje o dia não lhe foge;
 Que importa o que virá? !

E a terra, e a noite, e o mar dizem-me à alma
 O segredo dos céus.
 A flor d'urze rasteira, e altiva palma.
 São a história de Deus.

Trememente de respeito, em pé, na fraga
 Que a onda espadanou,
 Eu vi rugir, rolar, quebrar-se a vaga
 Onde Deus lhe marcou.

Mais dentro, no alto mar, rangem os braços
 Do convulso baixel.
 Contorce-se ... lá vai dar-se em pedaços
 Às fauces do parcel!

Meu Deus! Quem diz ao mar enfurecido
 Que venha aqui espraiair?
 Quem é que deu ao pego enraivecido
 Abismos de matar!

.....

Vejo em volta de mim o gozo
 Dos filhos do prazer.
 E eu, forçado e triste, e sem repouso,
 Vivo ali, sem viver.

Sempre o anjo da dor! Sempre comigo
 O meu anjo fiel!
 Intransitivo cális! Dá-mo, amigo,
 O meu cális de fel!

.....

Se eu sorrira, tam moço, como tantos
 Que vos fogem, Senhor,
 Gozara-me dos mil doces encantos
 Dourados pelo amor.

Não sei; que essa alegria, que fulgura
 Tanto em volta de mim,
 Tenho-a visto raiar, sorrir impura,
 Em lábios de Caim.

Ao ímpio ouvi dizer que é venturoso:

Será? Não sei se é!
 Não sei até se tem n'alma o repouso
 Do justo em sua fé.

Não sei se é de remorsos o seu leito,
 Nem os sonhos que tem;
 Se larva hedionda lhe recalca o peito,
 Repulsa-a com desdém.

.....

Não falam dentro em mim dois sentimentos
 Com bem distinto som?
 O mal, com seu cortejo de tormentos,
 Fará que eu seja bom?

E o bem, que eu já sentir uma vez pude
 Acaso é meu algoz?
 Oh Cristo! o prazer santo da virtude
 Não me fala de vós?
 Oh saudosa dos anjos, arraiada
 De luz celestial,
 Esconde a doce alma imaculada
 No seio virginal !

.....

Não desças: paira d'alto em plaga infinda,
 Não poises no covil...
 Ai! fuge à terra, e busca, ó pomba linda,
 O teu perpétuo abril !
 (CASTELO BRANCO, s/d, p. 74-77.)

A figura idealizada da mulher oscila desde as tradições românticas entre duas tendências: a mulher anjo e a mulher demônio. A mulher anjo é a purificadora do coração do amante, capaz de enobrecer sua alma e de fortificá-lo, desperta-lhe a sensibilidade para o belo, encoraja-o e revigora-o moralmente, e também a que reflete a própria luz divina, servindo de inspiração. Ao mesmo tempo, em determinados momentos, a mulher não é anjo e sim demônio que, com seu encanto mágico, seduz e enfeitiça. O amor sentido por ela passa a ser uma febre que consome, tornando como uma espécie de maldição: “- O fantasma dessa mulher há de persegui-me... – disse Camilo.” (BESSA-LUÍS, 2011, p. 115).

Por fim, a personagem de Fanny Owen é um mistério, tanto no romance de Agustina Bessa-Luís, quanto na obra de Camilo Castelo Branco, transformando-se apenas em imagens recompostas por terceiros. Não é difícil inclusive imaginar que sua relação no caso podia ser um fruto simples da fantasia e das divagações solitárias de Camilo: “Camilo viu que a sua prostração podia ser chamada a explicar-

se com os vãos meios da lógica, e despediu-se. De repente, recobrou ânimo e parecia animado e quase satisfeito. Um pouco de vileza preserva da loucura.” (BESSA-LUÍS, 2011, p. 156).

E, por outro lado, se não fosse o registro do escândalo do rapto e dos relatos do cárcere no Lodeiro e, posteriormente, a acusação de Camilo, a quem a sociedade odiava, como causador da discórdia entre os dois amantes, duvidaríamos, até, da existência histórica da figura. Assim, essa história de amor representa, a partir das características emocionais românticas, um símbolo das paixões obsessivas e da idealização do amor e da mulher.

A vida é um balde de lixo espalhado ao acaso pelo chão e assim parece inofensiva na face da terra. Cada fragmento tem uma história, e essa história contém o infinito. Somos todos uns brutos decididos a impormo-nos pela poeira que levantamos. (...) **A intriga é mesquinha demais para Fanny.** A razoabilidade dum estúpido coração seria própria para a fixar nos limites dum conduita favorável, afastada de espinhos e mais obstáculos. Os semelhantes acabam por unir-se, **mas ela não era semelhante a ninguém.** José Augusto sofreu por não a poder amar e só a representar como um símbolo ao qual só moderadamente se é sensível. E Fanny sofreu porque o quis constranger a ter uma nobre alma. Todas as suas esperanças estavam nisso, **porque as mulheres situam todo o seu bem no destino que atribuem ao homem amado.** (BESSA-LUÍS, 2011, p. 278-279, grifo nosso).

A metáfora utilizada pelo narrador de Agustina Bessa-Luís, nesse trecho da obra (vida = balde de lixo), potencializa uma visão bastante cortante e impiedosa para o nada da condição humana. Além disso, o fragmento contém uma informação fundamental sobre Fanny: ela não era igual a ninguém. Essa constatação evidencia e dá ênfase para a singularidade da jovem que não se parecia e nem se confundia com os dois egocêntricos com quem lhe coube o azar de conviver. Sobra um olhar severo, mas sincero, do narrador para as mulheres e seu desejo de aprimorar os homens primários à sua volta.

A literatura contemporânea reflete sobre si mesma como ato estético, sobre a sociedade e sobre a História. “O mundo é uma bola em que se diverte o fluido magnético, que não é barão, nem literato, nem burguês.” (BESSA-LUÍS, 2011, p.57). Em vista disso, a produção agustiniana, oferece caminhos que nos colocam em relação a outras obras, como é o caso da intertextualidade com *No Bom Jesus do Monte* que em conjunto, marcam o espírito de uma época romântica.

No fim de sua narrativa em *No Bom Jesus do Monte*, Camilo Castelo Branco demonstra - a partir de um efeito retórico, já que mantém o fio narrativo por opção - o quanto retomar essa história era motivo de pesar para ele: “Já me vai sendo uma dor este prolongado recordar-me, e direi até um arrependimento.” (CASTELO BRANCO, s/d, p. 108). É certo que esse caso histórico da vida de Camilo o atormentava e ainda o atormentou durante muito tempo da sua existência. Na narrativa de Agustina Bessa-Luís, lê-se: “Durante toda a vida, Camilo havia de cobrir com um manto sujo aquela amizade que lhe tinha parecido capaz de precipitar os próprios deuses do Olimpo.” (BESSA-LUÍS, 2013, p. 253).

Desse modo, a única certeza encontrada nas obras camilianas e demonstrada por Agustina Bessa-Luís em *Fanny Owen* sobre esse caso, é a de que a história não tinha se encerrado e jamais havia de finalizar definitivamente para ele. E por isso, mesmo passado vários anos após a morte de José Augusto e Fanny Owen, ainda era importante para o escritor rememorar e mais do que isso, imortalizar às suas vidas em sua escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vida e trajetória literária de Agustina Bessa-Luís encontra-se intimamente associada à do escritor Camilo Castelo Branco. Leitora assídua e assumida do romancista, a autora portuguesa revela essa influência, desde as evidências explícitas, como é o caso das suas obras *Fanny Owen* (1979) e *Camilo: Génio e Figura* (1994), até os indícios mais sutis, como o estilo irônico e a construção psicológica de suas personagens. Além disso, os principais temas - como a desilusão amorosa, a memória e a utilização de casos e cenários do norte de Portugal, revelam as correspondências e interesses nos quais Agustina Bessa-Luís se inspirou para a elaboração de suas criações literárias.

A sua característica investigação em meios autênticos, como diários, cartas, poemas, discursos, entre outros, instigou ainda mais o seu interesse por Camilo Castelo Branco, contribuindo para sua concepção literária e resultando em obras biográficas, como é o caso de Eugénia e Silvina (1989).¹⁹ Eugénia, conforme Agustina Bessa-Luís assegura em *Camilo: Génio e Figura*, teria sido uma paixão de Camilo Castelo Branco. Segundo Maria de Fátima Marinho (1999), “é em *Fanny Owen* que Agustina inaugura uma série de romances que apresentam como heróis e heroínas figuras que tiveram existência histórica.” (MARINHO, 1999, p. 174)

Em *Fanny Owen*, a transfiguração de Camilo como uma pessoa/personagem não foi novidade da escritora portuguesa. Como já visto anteriormente, antes de se tornar personagem na narrativa de Agustina Bessa-Luís, Camilo Castelo Branco se apresentou dessa mesma forma, em suas próprias obras. O que se altera são as perspectivas: a escrita em primeira pessoa e em formato de diário que – principalmente no capítulo “sete de junho de 1849” de *Duas Horas de Leitura* [1857] e no capítulo intitulado “1854”, de *No Bom Jesus do Monte* – faz com que a efetiva participação e obsessão de Camilo seja camuflada. Já em *Fanny Owen*, o narrador omnisciente agustiniano insere a personagem na sua esfera de observação, revelando sua intenções mais particulares:

Camilo deixa entrever as fontes donde soube a história íntima desses dois infelizes; e vai mais longe, contagiado pela morbidez desse caso clínico e como tal irrelevante, mas, ao mesmo tempo, um momento de grande expectativa na alquimia das relações que se entrecrocaram

¹⁹ “Já no fim da vida, Camilo encontrou Eugénia e apaixonou-se por ela” (BESSA-LUÍS, 1994, p.65)

procurando substituições das suas angústias e prazos de vida que escapam ao estigma da impersonalidade. Camilo chegou não só a consultar migos comuns a que Fanny porventura se confiava, como a investigar juntos dos próprios criados de José Augusto. (BESSA-LUÍS, 2011, p. 236.)

Dessa forma, para recriar esse acontecimento histórico, por vezes pouco conhecido e comentado na biografia do escritor canônico, Agustina Bessa-Luís não apenas aprofundou seus conhecimentos acerca da história para demonstrar inquestionável autoridade, mas também ousou ao incluir singulares considerações a respeito da personagem de Camilo, antes nunca exploradas dentro da literatura portuguesa. Agustina Bessa-Luís altera a posição de Camilo no relato, tornando-o objeto de análise e não mais condutor da história, como acontecia anteriormente. Nesse sentido, Camilo se torna protagonista e não apenas mero espectador (como ele próprio se representava) e atua com as outras personagens que fazem parte da narrativa.

A admiração e fascínio que Camilo Castelo Branco exerce sobre Agustina Bessa-Luís exerce não a intimidou e nem a impediu de explorar a condição humana mais complexa do escritor, revelando suas máculas, fraquezas e defeitos. Consequentemente, a biografia do romancista, repleta de polêmicas, acaba por fortalecer as descrições feitas em *Fanny Owen*, “porque Camilo afrontava todo o mundo quando se lhe varriam do coração as contemplações de amizade, e o tédio tomava o lugar do espírito.” (BESSA-LUÍS, 2011, p. 104)

De acordo com Maria Fátima Marinho (1999),

A biografia das várias figuras aparece, assim, filtrada pela ideologia dos seus criadores, que frequentemente, pretendem demonstrar uma teoria através do relato da vida de uma personagem, servindo esta mais como pretexto do que como fim em si mesma. (MARINHO, 1999, p. 173)

Sendo *Fanny Owen* uma narrativa muito maior que a composta por Camilo Castelo Branco em *No Bom Jesus do Monte*, Agustina Bessa Luís constrói uma versão que acompanha a cronologia dos fatos ocorridos por se tratar de um romance histórico, mas garantindo à obra seu estatuto de ficção. O romance agustiniano abre espaço para mais diálogos e situações que não ganharam espaço na escrita do romancista sendo possível perceber que o romance *Fanny Owen*

revela muito mais sobre o caso histórico do que o que romancista português escreveu.

Camilo Castelo Branco escolhe seu ângulo de composição de modo a omitir situações ou manipular a história como lhe convém. A obra de Agustina Bessa-Luís, pelo contrário, propõe-se a reinventar as informações de forma detalhada e expositiva, todavia, por meio de um caráter ficcional. Desse modo, as informações com fontes e interpretações são totalmente simuladas, mas com a possibilidade de compor inúmeras cenas e diálogos mais vivificantes da história verídica, amplamente redimensionada pelas múltiplas camadas constitutivas da ficção.

Apesar da transfiguração por Agustina Bessa-Luís do caso histórico passado no século XIX, em Portugal, comprometer-se com a autenticidade dos fatos, como indicado em seu prefácio, sucede que a autora remodela e modifica muitos elementos da história, elaborando um novo enredo para a narrativa. Esse jogo entre o real e o fictício caracteriza o grande talento narrativo da escritora, que não almeja a versão verdadeira sobre o caso reconhecido e, por isso, seu único compromisso é com a literatura. A partir do diálogo entre *Fanny Owen* e *No Bom Jesus do Monte* foram produzidos importantes aspectos intertextuais no romance de Agustina Bessa-Luís, capazes de rememorar algo do passado, de uma forma completamente sofisticada.

A forma ousada e subversiva como a autora portuguesa aborda uma polêmica em torno da biografia de um autor canônico da literatura portuguesa demonstra a sua segurança e propriedade para tratar de assuntos complexos e elaborar uma escrita que até se inspira em seus antepassados literários, mas de uma maneira totalmente original. Além disso, fica evidente a intenção de fazer desacreditar o discurso de Camilo Castelo Branco, principalmente no que se refere a imagem da jovem Fanny. Por muito tempo, as mulheres não tiveram voz e os homens falavam por elas, impondo suas verdades e perspectivas sobre as situações.

Os seus dotes de ironista são uma poderosa arma de subversão no romance só aparentemente convencional que é o seu. Pela via irônica, caminha na denúncia, central na sua obra, do poder patriarcal e falocêntrico que domina as muitas mulheres que a povoam. O tempo das mulheres assumirem a palavra ainda não chegou, mas os homens, ineptos e indolentes, são já objeto do poder subversor e conspirativo delas – sibilas, videntes, fúrias – que, senhoras duma linguagem simbólica e mergulhadas num tempo

hermético, transportam e disseminam a subversão. (LIMA, 2011, p. 10)

Sendo assim, tanto no romance de Agustina Bessa-Luís como nas obras de Camilo Castelo Branco, percebe-se a construção de universo próprio em que os acontecimentos foram arquitetados e dissimulados, isto é, cada obra produz seus próprios efeitos de sentido. Por isso, saber o que é verdadeiro ou não nas narrativas não é o que realmente interessa, mas sim compreender como cada personagem é destacado, quais ações tornam-se relevantes para cada perspectiva, assim como cada narrador distingue-se e posiciona-se.

Percebe-se, portanto, que o jogo intertextual utilizado por Agustina Bessa-Luís em *Fanny Owen*, ao mesmo tempo que critica ironizando as características principais da escrita camiliana, também tem como objetivo homenageá-la, conforme pudemos concluir a partir das considerações feitas por Linda Hutcheon (1991) sobre a paródia pós-moderna. Desse modo, Agustina Bessa-Luís gera maior intensidade para os aspectos narrativos produzidos por Camilo Castelo Branco, enriquecendo com matizes, pormenores, cenários, personagens e diálogos uma fabulação significativa para a história literária de Portugal, que, graças ao romance *Fanny Owen*, tornou-se ainda mais importante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, Manuela de. *Camilo e Fanny – comédia dramática em três actos e cinco quadros*. Lisboa: Expansão Cultural, 1957.
- BAECQUE. Antoine de, e Jacques Parsi. *Conversas com Manoel de Oliveira*. Trad. Henrique Cunha. Lisboa: Campo das Letras, 1996.
- BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética. A teoria do romance*. Trad. Aurora F. Bernardini et al. 2. Ed., São Paulo: Ed. UNESP; HUCITEC, 1990.
- BELLO, Maria do Rosário Lupi. *Da verdade “real” à verdade “ficcional”. Agustina entre o romance e a adaptação*. Actas do Colóquio – Literatura e história. Lisboa: Universidade Aberta. 2002.
- BESSA-LUÍS, Agustina. *Agustina por Agustina: Uma entrevista de Artur Portela*. Lisboa: Dom Quixote, 1986.
- Bessa-Luís, Agustina. *Aforismos*. Lisboa: Guimarães Editores, 1988.
- BESSA-LUÍS, Agustina. *As Metamorfoses*, Lisboa: Publicações Dom Quixote. 2007.
- BESSA-LUÍS, Agustina. *Camilo: Génio e Figura*. 1ª edição. Cruz Quebrada: Casa das Letras, 2008.
- BESSA-LUÍS, Agustina. *Caderno de Significados (Seleção, organização e fixação de texto de Alberto Luís e Lourença Baldaque*. Lisboa: Guimarães Editora. Coleção “Contemplações”, 2013.
- BESSA-LUÍS, Agustina. *Dicionário Imperfeito*. Organização de Luis Abel Ferreira e Manuel Vieira da Cruz. Lisboa: Guimarães Editores, 2008.
- BESSA-LUÍS, Agustina. *Contemplanção carinhosa da angústia*. Seleção e introdução de Pedro Mexia. Lisboa: Guimarães, 2000.
- BESSA-LUÍS, Agustina. *Fanny Owen*. Lisboa, A bela e o monstro, edições LDA. 2011.
- BRAGA, Theophilo. *As modernas ideias na Literatura Portuguesa*. Porto: Luga & Genelioux, 1892.
- BULGER, Laura Fernanda. *As máscaras da memória*. Estudos em torno da obra de Agustina. Lisboa: Guimarães Editores, 1998.
- CARVALHAL, Tânia Franco. *O próprio e o alheio: Ensaios de Literatura Comparada*. São Leopoldo: Unisinos, 2003.
- CASTELO BRANCO, Camilo. *No Bom Jesus do Monte*. Porto: Lello & Irmão, 19-.
- CASTELO BRANCO, Camilo. *Amor de Perdição*. São Paulo. Klick Editora, 1997.
- CASTRO, Aníbal Pinto de. *Narrador, tempo e leitor na novela camiliana*. 2. ed. Vila Nova de Famalicão: Centro de Estudos Camilianos, 1995.

COELHO, Jacinto do Prado. *Introdução ao estudo da novela camiliana*. 3ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2001.

COELHO, Jacinto do Prado. *Problemática da História Literária*. Lisboa: Ática, 1961.

COMPAGNON, Antonie. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

COUTINHO, J. P. *Agustina é o nome*. Folha de São Paulo, São Paulo, 15 jan. 2013. Ilustrada, p.8.

DANTAS, Gregório F. *A “segunda história”: considerações sobre romance português contemporâneo*. Mato Grosso do Sul: UFGD, 2012. Disponível em: http://www.revistainvestigacoes.com.br/Volumes/Vol.25.N1/Investigacoes-25N1_Gregorio-F-Dantas.pdf. Acesso em: 20 de maio de 2021.

EAGLETON, Terry. *As ilusões do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

ECO, Umberto. *Pós-escrito a O nome da rosa*. 4. ed. Trad. Letizia Zini Antunes e Álvaro Lorencini. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985

FRANCO JUNIOR, Arnaldo. *Operadores de Leitura na Narrativa*. Eduem, 2003.

FRIEDMAN, Norman. *O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico*. Revista USP. São Paulo, CCS-USP, n. 53, março/maio 2002, trad. Fábio Fonseca de Melo.

GENETTE. G. *Discurso da narrativa*. In: Figuras III. São Paulo. Ed. Perspectiva, 1972.

GOBBI, Márcia Valéria Zamboni. *A ficcionalização da história: mito e paródia na narrativa portuguesa contemporânea*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2011.

GREGOLIN, M. R. V. et al. (Org). *Análise do discurso: entornos do sentido*. Araraquara: UNESP, FCL, Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2001.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo – História, Teoria, Ficção*. Tradução Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991.

INGARDEN, Roman. *A obra de arte literária*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, (1.a ed. 1930, tit. orig. Das literarische Kunstwerk, Tübingen, Max Niemeyer Verlag). 1979.

KRISTEVA, Julia. *Introdução à semánlise*. Tradução de Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 2005.

LIMA, Isabel Pires de. Prefácio. In: BESSA-LUÍS, Agustina. *Fanny Owen*. Lisboa, A bela e o monstro, edições LDA. 2011.

LOPES, Óscar e António José SARAIVA. *História da Literatura Portuguesa - 6ª Época – O Romantismo*, Porto, Porto Editora, 14ª edição. 1987.

LOPES, Silvina Rodrigues. *Agustina Bessa- Luís: As hipóteses do romance*. Rio Tinto: Edições Asa, 1992.

MACHADO, Álvaro Manuel. *A vida e a obra de Agustina Bessa-Luís*. Lisboa: Arcádia, 1979.

MACHADO, Álvaro Manuel. *Agustina Bessa-Luís: o imaginário total*. Lisboa: Dom Quixote, 1983.

MAGALHÃES, Isabel Allegro de. "Camilo sob o olhar de Agustina: Entre a História e a Ficção?" In: SANTOS, João Camilo dos (Org.). *Camilo Castelo Branco no centenário da morte*. Colloquium of Santa Bárbara. Santa Bárbara: University of California, 1995, p. 207-217.

MARINHO, Maria de Fátima. *A Construção da Memória*. Disponível em: <https://revistaveredas.org/index.php/ver/article/view/134>. Acesso em: 15 de janeiro de 2021.

MARINHO, Maria de Fátima. Reescrever a História. Revista da Faculdade de Letras "Línguas e Literatura" XII, Porto: p. 189-219, 1995.

MARINHO, Maria de Fátima. *O romance histórico em Portugal*. Porto: Campos das Letras, 1999.

MEDEIROS, Aldinida. *Entre Ficção e História: Isabel, A Rainha Santa de Portugal*. Revista Graphos. João Pessoa, v. 15. n. 01, 2013. p. 01- 11. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/16313>. Acesso em: 15 de novembro de 2021.

NASCIMENTO, Nayara Almeida. Camilo Castelo Branco: Autor e Personagem. *Revista Letras*, Curitiba, Editora UFPR. n. 88, p. 79-95. 2013

OLIVEIRA, Paulo Motta. Da ficção camiliana como interpretação de Portugal. In: FERNANDES, Annie Gisele e OLIVEIRA, Paulo Motta (Orgs.). *Literatura Portuguesa Aquém Mar*. Campinas, Komedi, 2005.

OLIVEIRA, Paulo Motta. *Camilo entre tempos: trajetórias historiográficas*. In: Anais do XX Encontro de professores brasileiros de literatura portuguesa. Niterói, 2005, p. 1-12.

PADRÃO, M. H. (2009). *Mundos Fechados, uma reflexão sobre as pessoas e os mundos em Agustina Bessa-Luís*. In: Actas do I Congresso Internacional Pensamento Luso-Galaico-Brasileiro. 3º vol. Porto: UCP e Imprensa Nacional Casa da Moeda, p. 661 – 669.

PAVANELO, Luciene Marie. *Camilo Castelo Branco e Joaquim Manuel de Macedo: convergências na ascensão do romance nas periferias do capitalismo*. Tese de Doutorado, 2013, p. 25.

PIMENTEL, Samarkandra Pereira dos Santos. Considerações sobre a poética do pós-modernismo. *Revista Letrônica*. Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 183-193, jan.-jun. 2016.

REIS, Carlos e LOPES, Ana C. M. *Dicionário de teoria narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.

SAMOYAUULT, Tiphaine. *A intertextualidade*. Trad. Sandra Nitri. São Paulo: Aderaldo e Rothschild. 2008.

SAMPAIO, D. L. N. *O Uso da Teoria da Intertextualidade no Livro Didático para o Ensino de Leitura*. 2013.

SARAIVA, A. J.; LOPES, Óscar. *História da literatura portuguesa*. 15ed. Porto: Porto Ed., 1989

SEIXO, Maria Alzira, “*Agustina e Fanny Owen*”, *Revista Colóquio/Letras*. Lisboa. nº 64: pp. 68-71. 1981.

SENA, Jorge de. Em louvor de Camilo. In: _____. *Estudos de Literatura portuguesa*. Lisboa: Edições 70, 1981, v. 1, p. 119-121.

VASCONCELOS, Viviane da Silva. *Mãos que tecem o tempo e o espaço: Agustina Bessa-Luís e Vieira da Silva*. 223 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2015.